

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

João Vitor Mittelmann Schweitzer

**ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE CONTRA INSURGÊNCIA E ESTRATÉGIA DE
ATRITO UTILIZADAS DURANTE A GUERRA DO VIETNÃ: O POTENCIAL DE
EMPREGO DAS TRIBOS MONTAGNARD**

**Resende
2023**

João Vitor Mittelman Schweitzer

**ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE CONTRA INSURGÊNCIA E ESTRATÉGIA DE
ATRITO UTILIZADAS DURANTE A GUERRA DO VIETNÃ: O POTENCIAL DE
EMPREGO DAS TRIBOS MONTAGNARD**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em 16 de julho de 2023:

Banca examinadora:

no impedimento de

Rodrigo Felix Owerney – TC
(Presidente / Orientador)

*TC Alex
Cmt Chf*

Ricardo Duque Minardi – Maj

Douglas Silva da Motta – TC

Resende
2023

Dados internacionais de catalogação na fonte

S397a SCHVEITZER, João Vitor Mittelmann

Análise das estratégias de contra insurgência e estratégia de atrito utilizadas durante a Guerra do Vietnã: o potencial de emprego das tribos Montagnard / João Vitor Mittelmann Schweitzer – Resende; 2023. 67 p. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Rodrigo Felix Owerney
TCC (Graduação em Ciências Militares) - Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2023.

1. Guerra do Vietnã. 2. Contra Insurgência. 3. Forças Especiais. 4. Montagnard. 5. Redes sociais tradicionais. I. Título.

CDD: 355

Ficha catalográfica elaborada por Mônica Izabele de Jesus CRB-7/7231


João Vitor Mittelmann Schweitzer

**ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE CONTRA INSURGÊNCIA E ESTRATÉGIA DE
ATRITO UTILIZADAS DURANTE A GUERRA DO VIETNÃ: O POTENCIAL DE
EMPREGO DAS TRIBOS MONTAGNARD**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título **de Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador: Rodrigo Félix Owerney

**Resende
2023**

	APÊNDICE II AO ANEXO B (NITCC) ÀS DIRETRIZES PARA A GOVERNANÇA DA PESQUISA E EXTENSÃO ACADÊMICAS NA AMAN	AMAN 2023
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL		

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL

TÍTULO DO TRABALHO: ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE CONTRA INSURGÊNCIA E ESTRATÉGIA DE ATRITO UTILIZADAS DURANTE A GUERRA DO VIETNÃ: O POTENCIAL DE EMPREGO DAS TRIBOS MONTAGNARD

AUTOR: JOÃO VITOR MITTELMANN SCHVEITZER

Este trabalho, nos termos da legislação que resguarda os direitos autorais, é considerado de minha propriedade.

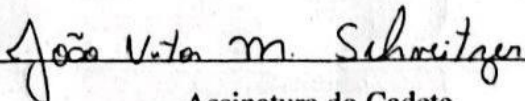
Autorizo o Exército Brasileiro (EB) a utilizar meu trabalho para uso específico no aperfeiçoamento e evolução da Força Terrestre, bem como a divulgá-lo por publicação em periódico da Instituição ou outro veículo de comunicação do Exército.

A Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) poderá fornecer cópia do trabalho mediante ressarcimento das despesas de postagem e reprodução. Caso seja de natureza sigilosa, a cópia somente será fornecida se o pedido for encaminhado por meio de uma organização militar, fazendo-se a necessária anotação do destino no Livro de Registro existente na Biblioteca.

É permitida a transcrição parcial de trechos do trabalho para comentários e citações desde que sejam transcritos os dados bibliográficos dos mesmos, de acordo com a legislação sobre direitos autorais.

A divulgação do trabalho, em outros meios não pertencentes ao Exército, somente pode ser feita com a autorização do autor ou da Direção de Ensino da AMAN.

Resende, 16 de julho de 2023


Assinatura do Cadete

Dedico este trabalho aos que colocaram os interesses do próximo acima do seu e não se deixaram corromper pelo mundo.

AGRADECIMENTOS

Inicio meus agradecimentos sabendo que será impossível não cometer nenhuma injustiça neste momento, pois foram muitas as pessoas que, não só me auxiliaram a atingir o objetivo de concluir o curso de formação de oficiais da Academia Militar das Agulhas Negras, como contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal.

Primeiramente agradeço à Deus pai todo poderoso pelo dom da vida e por seu amor infinito, que tantas vezes foi fonte de força e de inspiração mais elevada. Vossa doutrina e mandamentos não são um fardo que o homem tem que carregar, mas o mais nobre conselho paterno.

Sou grato a meus pais por terem me educado na fé e por toda a educação, carinho, cuidados e valores transmitidos, sem os quais as conquistas da vida não teriam significado. À minha mãe por ter sido uma referência de mulher guerreira que sempre foi exemplo e me incentivou a atingir objetivos através do estudo. Ao meu pai por ter me ajudado a resolver infinitos problemas e por sempre ter sido exemplo de dedicação e capricho.

Agradeço aos meus familiares por tudo o que já me ensinaram e fizeram, de modo especial a tia Terezinha e o Tio Élcio; a todos os meus professores, que tiveram paciência para responder tantas perguntas e aos Padres Cattoni, Anderson e Lucas por seus sábios conselhos.

Sou grato à turma Centenário da Missão Militar Francesa no Brasil, por todos os irmãos que ganhei ao longo desses cinco anos, pelos laços forjados na dificuldade e por cada conquista galgada com muito suor. A todos os instrutores, monitores, e especialmente, os comandantes de pelotão e de companhia que tive ao longo dos cinco anos, por terem sido bem-sucedidos na árdua missão de formar.

Faço ainda um agradecimento especial ao Tenente-Coronel Owerney por ter aceitado ser meu orientador, por sua atenção e dedicação desde o princípio do projeto até as fases finais.

RESUMO

ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE CONTRA INSURGÊNCIA E ESTRATÉGIA DE ATRITO UTILIZADAS DURANTE A GUERRA DO VIETNÃ: O POTENCIAL DE EMPREGO DAS TRIBOS MONTAGNARD

AUTOR: João Vitor Mittelmann Schweitzer

ORIENTADOR: Rodrigo Felix Owerney

O presente trabalho tem por finalidade analisar as estratégias de contra insurgência e de atrito utilizadas pelo Exército dos Estados Unidos da América (EUA) na Guerra do Vietnã, visando estabelecer uma comparação que permita compreender o potencial de ações irregulares nas regiões remotas do Vietnã. Após a Segunda Guerra Mundial houve o surgimento de um movimento de liberação nacional no Vietnã. O movimento organizado pelo Vietminh buscou utilizar táticas de guerrilha para lutar contra a presença colonial estrangeira no país. A luta armada resultou na divisão do país em República do Vietnã (Vietnã do Sul) e República Democrática do Vietnã (Vietnã do Norte), os quais foram apoiados principalmente pelos EUA e pela China, respectivamente. O Exército dos Estados Unidos participou da Guerra do Vietnã inicialmente com o envio de conselheiros militares, passando por uma fase de apoio à contra insurgência e finalmente com o envio de grandes efetivos. Durante toda a guerra observou-se que duas estratégias gerais se inter-relacionaram: a estratégia de atrito, que consistia em empregar ações diretas para desgastar as forças comunistas, e a estratégia de pacificação, que envolvia ações para conquistar o apoio da população, e assim, evitar que as guerrilhas vietcong obtivessem seu auxílio. O problema que foi observado na relação entre as estratégias é que, por diversas vezes, ações diretas tiveram um grave efeito colateral na população, resultando na perda da legitimidade pretendida nos esforços de contra insurgência que coexistiam. Porém, ainda antes do envio das primeiras tropas americanas, surgiu o programa chamado *Civilian Irregular Defense Group* (CIDG), uma iniciativa não convencional de contra insurgência envolvendo as forças especiais dos EUA e as tribos do planalto central vietnamita, os Montagnard. Seu diferencial é que os próprios aldeões eram treinados para defenderem suas vilas nas regiões isoladas. Neste contexto, o objetivo é analisar se o foco na estratégia de pacificação poderia ter sido mais bem-sucedida que a de atrito, principalmente se o CIDG tivesse uma aplicação mais ampla. A relevância do estudo reside no fato de que o ambiente operacional contemporâneo tem se tornado cada vez mais volátil, incerto, complexo e ambíguo; elementos intrínsecos ao formato de guerra irregular. A análise do potencial de programas irregulares como o CIDG pode fornecer valiosas lições para se lidar com insurgências em locais remotos de floresta tropical densa, onde existem redes sociais tradicionais, como na Amazonia. Para fazer a análise proposta foi feita uma pesquisa descritiva, utilizando-se da bibliografia que aborda o tema para, por meio de uma avaliação qualitativa, utilizar o método dedutivo e o método histórico e se chegar aos resultados pretendidos. Resultados esses que fornecem indícios para afirmar que o foco em uma estratégia de contra insurgência – com tropas convencionais atuando nos centros urbanos e vilas próximas, e soldados das forças especiais operando nas regiões mais isoladas – poderia contribuir significativamente para a economia de forças americanas e assim, diminuir o desgaste sofrido perante a opinião pública interna, fator principal que provou a retirada das tropas do Vietnã do Sul.

Palavras-chave: Guerra do Vietnã. Contra Insurgência. Guerrilha. Guerra Irregular.

ABSTRACT

ANALYSIS OF COUNTERINSURGENCY STRATEGIES AND ATTRITION STRATEGY USED DURING THE VIETNAM WAR: THE POTENTIAL EMPLOYMENT OF MONTAGNARD TRIBES

AUTHOR: João Vitor Mittelmann Schweitzer

ADVISOR: Rodrigo Felix Owerney

The present paper aims to analyze the counterinsurgency and attrition strategies employed by the United States Army during the Vietnam War, to establish a comparison that allows for an understanding of the potential of irregular actions in remote regions of Vietnam. After World War II, a national liberation movement emerged in Vietnam. The movement organized by the Vietminh sought to utilize guerrilla tactics to fight against foreign colonial presence in the country. The armed struggle resulted in the division of the country into the Republic of Vietnam (South Vietnam) and the Democratic Republic of Vietnam (North Vietnam), which were primarily supported by the United States of America and China, respectively. The United States Army initially participated in the Vietnam War by sending military advisors, transitioning to a phase of supporting counterinsurgency, and eventually deploying large forces. Throughout the war, two general strategies were observed to be interconnected: the attrition strategy, which involved employing direct actions to wear down communist forces, and the pacification strategy, which involved actions to gain support from the population and prevent the Viet Cong guerrillas from obtaining their assistance. The problem observed in the relationship between these strategies was that direct actions often had severe collateral effects on the population, resulting in the loss of intended legitimacy in the coexisting counterinsurgency efforts. However, even before the deployment of the first American troops, the Civilian Irregular Defense Groups (CIDG) program emerged as an unconventional counterinsurgency initiative involving the U.S. Special Forces and the tribes of the Central Vietnamese Highlands, the Montagnard. The distinctive aspect of this program was that the villagers themselves were trained to defend their villages in isolated regions. In this context, the objective is to analyze whether a focus on the pacification strategy could have been more successful than the attrition strategy, especially if the CIDG had a broader application. The relevance of this study lies in the fact that the contemporary operational environment has become increasingly volatile, uncertain, complex, and ambiguous; intrinsic elements to the format of irregular warfare employed by the CIDG. The analysis of the potential of irregular programs like the CIDG can provide valuable lessons for dealing with insurgencies, particularly in remote locations of dense tropical forests where traditional social networks exist, such as the Amazon. To conduct the proposed analysis, descriptive research was carried out, utilizing literature that addresses the topic, and through a qualitative evaluation, employing deductive and historical methods to achieve the intended results. These results provide indications to assert that a focus on a counterinsurgency strategy – with conventional troops operating in urban centers and nearby villages, and special forces soldiers operating in more isolated regions – could significantly contribute to the conservation of American forces and, thus, reduce the strain suffered in the domestic public opinion, which was the main factor that led to the withdrawal of troops from South Vietnam.

Palavras-chave: Guerra do Vietnã. Contra Insurgência. Guerrilha. Guerra Irregular.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIA	Central Intelligence Agency
CIDG	Civilian Irregular Defense Group
CI	Contra Insurgência
EUA	Estados Unidos da América
MAAG	Military Assistance Advisory Group
MACV	Military Assistance Command – Vietnam
4 ^a DE	4 ^a Divisão de Exército

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
1.2 METODOLOGIA DE PESQUISA	19
2 A GUERRA DO VIETNÃ	24
2.1 IMPERIALISMO FRANCÊS	26
2.2 INÍCIO DA LUTA ARMADA.....	27
2.3 GUERRA DA INDOCHINA	28
2.4 CONFLITO VIETNAMITA	30
2.5 GUERRA DO VIETNÃ	34
3 DOCTRINA E PRÁTICA DE CONTRA INSURGÊNCIA	40
3.1 CARACTERÍSTICAS DA INSURGÊNCIA	41
3.2 GUERRA PROLONGADA	43
3.3 CONTRA INSURGÊNCIA NO VIETNÃ	45
3.4 O EFEITO COLATERAL DO ATRITO	47
4 ESTUDO DE CASO: CIVILIAN IRREGULAR DEFENSE GROUP	49
4.1 OS MONTAGNARD	49
4.2 O INÍCIO DO CIDG	50
4.3 REDES SOCIAIS TRADICIONAIS E A GUERRA IRREGULAR	51
4.4 MUDANÇAS NO PROGRAMA	52
4.5 A 4ª DIVISÃO DE INFANTARIA E O CIDG	54
4.6 A ABORDAGEM IRREGULAR.....	56
5 CONCLUSÃO	60
REFERÊNCIAS	66

1 INTRODUÇÃO

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, enquanto o mundo ainda comemorava a vitória da democracia ante o nazismo, também dava início uma nova disputa diferente das guerras conhecidas até então. Desta vez, Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) disputariam pela hegemonia do seu modelo de sistema político (Capitalismo *versus* Comunismo) através da conquista de influência nos chamados “países de terceiro mundo”. (SAUVY, 1952)

Conforme definiu o demógrafo Alfred Sauvy, os países de terceiro mundo seriam aqueles que não estavam alinhados, nem com os Estados Unidos, nem com a União Soviética e acabariam se tornando alvo de uma luta por sua posse. São os países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento da América Latina, África e Ásia; geralmente ex-colônias e de economia agrícola que passariam a ser disputados por vias pacíficas (acordos econômicos, alianças militares) e não pacíficas (subversão, guerrilha) que eventualmente evoluiriam para guerras classificadas como “de libertação nacional”. (SAUVY, 1952)

RÉMOND esclarece como a guerra fria contribuiria para suscitar as guerras de libertação nacional:

Essas guerras de libertação nacional encontrariam apoio na maioria das vezes, pelo menos diplomático, senão militar, da União Soviética, depois da China de Mao Tsé-tung. Este último, além disso, teorizou sobre o que pensava que seria a guerra da segunda metade do século. (2004, p. 415)

Mao Tse Tung sugeria conquistar a influência sobre os países de terceiro mundo através da revolução. Para isso, os obstáculos políticos seriam ultrapassados por meio da insurgência; conforme Mao teorizou em 1938, no seu livro *De la guerre continuée*: seria necessário realizar um trabalho político junto as massas como **chave de toda guerra**, com objetivo de aniquilar as forças imperialistas. Essas guerras iriam seguir um roteiro de: subversão, insurreição, guerrilha e mobilização de forças regulares. (REMOND, 2003, p. 420).

Essa estratégia foi posta em prática na Indochina pelo importante líder vietnamita Ho Chi Minh com a finalidade inicial de conquistar a independência do Vietnã perante os franceses. “Em 7 de maio de 1954, a Liga pela Independência do Vietnã, conhecida como Vietminh derrotou elementos do Corpo Expedicionário Francês em Dien Bien Phu no norte da Indochina.”. A sucessão dos eventos culminou na divisão da Indochina em Vietnã do Norte (República Democrática do Vietnã), Vietnã do Sul (República do Vietnã), Camboja e Laos. (KELLY, 1989, p. 3, tradução nossa)

Entretanto, uma vez conquistada a independência da região, os planos do Vietnã do norte se voltaram para a unificação com o Vietnã do Sul, sob os ideais Marxistas do presidente Ho Chi Minh.

Como forma de responder à pressão comunista no Vietnã do Sul, focado principalmente em combater a propaganda enganosa do comitê de ação do Vietminh o presidente dos EUA Dwight D. Eisenhower criou o *Military Assistance Advisory Group* (MAAG). (KELLY, 1989, p. 4, tradução nossa).

Com a escalada da guerrilha em 1961 e preocupado com o aumento de guerras revolucionárias pelo mundo, o Presidente John F. Kennedy aumentou a assistência econômica e militar para o Vietnã do Sul (KELLY, 1989, p. 6, tradução nossa).

O objetivo era encobrir os esforços de contraguerrilha por meio de um programa disfarçado da CIA (*Central Intelligence Agency*) que teoricamente buscava melhorar as condições de agricultura no planalto central, mas que na verdade coletava informações sobre atividades dos Vietminh (chamados de Vietcong no Vietnã do Sul) e do exército norte vietnamita. (CAMPBELL, 2009, p.20)

Além disso, como forma de contrapor-se ativamente às ações insurgentes do Vietcong, os Estados Unidos criaram o *Civilian Irregular Defense Group* (CIDG) para promover treinamento militar e assistência consultiva para as minorias civis. Dessa forma, cada vila se organizaria, treinaria e combateria a guerrilha Vietcong dentro de sua área de responsabilidade, criando assim uma região sobre seu controle que não poderia ser usada para fins logísticos nem operacionais por parte do inimigo. (KELLY, 1989, p. 6)

Neste contexto, a maior parte da população abrangida pelo programa era de tribos indígenas (habitantes das regiões do planalto central do Vietnã, os *Montagnard*). Até então afastados do Estado e por isso muito mais sensíveis à subversão e à violência.

Em 1964, com a chegada de grandes contingentes das tropas convencionais, o Exército dos Estados Unidos parte para uma estratégia diferente, chamada “estratégia de atrito”: uma tentativa de engajar as unidades inimigas e destruí-las através de seu superior poder de fogo e mobilidade.

Com a chegada de tropas americanas combatentes ao Vietnã do Sul em grandes números, o Exército aplicou a doutrina e estrutura de força que tinha desenvolvido para contingentes convencionais na Europa e Coreia contra forças insurgentes praticando uma forma de guerra revolucionária. (KREPINEVICH, 1986, p. 164, tradução nossa).

A estratégia de pacificação – que consistia em manter regiões e suas populações protegidas através da presença de tropas e está alinhada com a estratégia de contra insurgência – manteve-se preponderante até uma “experiência ruim” sofrida pelo General Westmoreland (comandante das forças americanas no Vietnã). Dois regimentos Vietcong derrotaram um número menor de soldados americanos ocupados com as operações de pacificação.

A partir daí Westmoreland concluiu que se dividisse novamente qualquer força americana para participar de pacificações, elas sofreriam o mesmo destino. (KREPENEVICH, 1986, p. 166, tradução nossa).

Cabe esclarecer desde já, que ambas as estratégias existiram durante a guerra, porém a partir do incidente sofrido pelo general Westmoreland os programas de contra insurgência passaram a ficar ainda mais abandonados.

Reverendo os fatos, décadas após o fim da guerra, sob a ótica da nova história, suspeita-se que uma atenção maior em operações de pacificação (principalmente com os *Montagnard*) poderia trazer maiores resultados na campanha. O tema deste trabalho busca comparar a estratégia de contra insurgência com a estratégia de atrito no combate à guerrilha durante a guerra do Vietnã.

O período a ser estudado inicia-se após o final da 2ª Guerra Mundial, com o início da guerra de libertação contra a colonização francesa na Indochina e termina com a retirada das tropas americanas do solo vietnamita em 1973. A área a ser estudada é o próprio Vietnã do sul, com foco para a região do planalto central onde viviam as várias tribos conhecidas como *Montagnard*; onde se desenvolveram os programas citados anteriormente.

O problema é conhecer a história da guerra para compreender a estratégia utilizada pelos Estados Unidos e então comparar com as teorias e experiências de contra insurgência (da época e atuais). Para então deduzir se o foco na contra insurgência poderia ter levado os EUA a vitória, diferentemente da estratégia de atrito empregada.

Para fazer essa análise, será necessário responder como a guerrilha Vietcong e o Exército do Vietnã do Norte foram combatidos ao longo da Guerra do Vietnã, tanto na estratégia de atrito (preponderante), como na estratégia de pacificação e demais ações de contra insurgência. Juntamente com a comparação entre a teoria de contra insurgência existente na época e o que foi posto em prática durante a guerra, tendo em vista as particularidades culturais dos *Montagnard*.

Seria possível excluir as ações diretas? A necessidade de ações diretas era preponderante?

A importância da pesquisa é justificada pois o modelo de guerra revolucionária aplicado no Vietnã foi capaz de desgastar a maior potência militar capitalista da época, a ponto de fazê-la retirar-se do teatro de operações. Modelo esse aplicado no mundo todo ao longo do século passado. Inclusive na América Latina, principalmente após a revolução cubana, que proporcionou uma “base” para a URSS incentivar revoluções na América.

O Brasil teve sua experiência com o prenúncio de uma guerra revolucionária no início da década de 70, quando militares brasileiros descobririam uma sublevação no sudeste do Pará, que viria a ficar conhecida como guerrilha do Araguaia. A insurgência teve suas raízes com quinze brasileiros escolhidos pelo PCdoB para passar uma temporada na Academia Militar de Pequim e aprender técnicas de guerrilha. (MORAIS; SILVA, 2005, p. 28).

A guerrilha do Araguaia foi combatida e neutralizada logo no princípio, mas o século passado mostrou o potencial desse tipo de conflito em outros países da América Latina, na Ásia e na África. Apesar da ameaça representada pelo comunismo por meio da tomada do poder pela força, como foi visto ao longo da segunda metade do século XX, aparentar estar fora de questão nos dias de hoje, a guerrilha e a insurgência tem se mostrado ferramentas perigosas utilizadas por narcotraficantes e organizações terroristas.

Portanto, cabe questionar-se se o Brasil, possuidor de grande riqueza na Amazônia – região de selva com tribos indígenas isoladas semelhante ao Vietnã do Sul – não está vulnerável a insurgência. Para isso, o objetivo deste trabalho é analisar se o foco na estratégia de contra insurgência poderia ter sido mais eficiente que a estratégia de atrito para a vitória dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã.

Para atingir esse objetivo, primeiramente será necessário compreender as características do Vietnã, os eventos que causaram a Guerra da Indochina e do Vietnã e a história dos conflitos propriamente ditam. O próximo passo será analisar como a estratégia de pacificação foi aplicada durante a Guerra e como relacionou-se com a estratégia de atrito. Por último, será estudado o caso do programa *Civilian Irregular Defense Group* (CIDG), uma alternativa de contra insurgência não convencional.

1.1 REFERENCIAL TEÓRICO

Por se tratar de um trabalho de análise histórica, cabe inicialmente definir o que é história política e compreender como a guerra do Vietnã pode ser estudada dessa forma. Segundo REMOND, a missão da história é “observar as mudanças que afetam a sociedade, (...) e propor explicações para elas”. (2003, p. 13).

Porém, a história política passou pela seguinte evolução:

Primeiramente o estudo do monarca, substituído posteriormente pelo estudo dos estados, da democracia, das ideologias. Até a revolução contra a história política que deveria ser substituída por uma visão mais conforme à realidade profunda na qual os comportamentos cotidianos teriam mais importância que iniciativas individuais. (RÉMOND, 2003, pag. 16)

RÉMOND aponta duas formas de estudar a história (as revoluções citadas acima) que tentam ofuscar a história política: primeiramente, Karl Marx considera a luta de classe, proveniente das diferenças econômicas, o motor da história. Posteriormente, Freud considera a libido e as pulsões sexuais, fatores existentes no subconsciente do indivíduo, como responsável pela busca pelo poder político.

Porém, a história política recupera sua importância com a evolução do domínio da ação política, proveniente do aumento das atribuições do Estado. “Em nosso século, a evolução se fez no sentido da extensão (...). Sob a pressão das circunstâncias que criavam situações insólitas, de guerra total, de crise de uma gravidade sem precedente (...).” (RÉMOND, 2003, p. 23).

A partir desse conceito é possível denominar a guerra do Vietnã, como uma guerra total, principalmente do ponto de vista do Vietnã do Norte, de acordo com o próprio comandante das forças comunista “Nós estamos conduzindo uma guerra do povo – uma guerra total, na qual todo homem, toda mulher, toda unidade, grande ou pequena, é sustentada por uma população mobilizada.” (KARNOW, 1997, p. 20).

Pode ser vista na unificação do Vietnã um forte sentimento de nacionalismo, superior até a fatores ideológicos comunistas. “A guerra contra os Estados Unidos era vista apenas como um capítulo na história para a reunificação do Vietnã, e estavam dispostos a perdas ilimitadas para alcançar seu objetivo sagrado.” (KARNOW, 1997, p. 20).

Sob essas circunstâncias existentes no Sudeste Asiático desde o fim da 2ª Guerra Mundial será estudado o conflito ocorrido no Vietnã. O forte viés nacionalista pode ser observado no discurso de Ho Chi Minh contra a colonização francesa:

É por uma causa justa, da justiça mundial e pelo povo e a pátria do Vietnã, que nossos compatriotas se levantaram para a luta e estão determinados em manter sua independência. Nós não odiamos o povo francês, nem a França. Estamos contra a escravidão e a política do colonialismo francês. Não estamos invadindo outro país. Apenas defendemos nosso país contra os invasores franceses. (OLIVEIRA, 2020, p. 106).

Porém, isso não significa que todo o povo vietnamita apoiava ou mesmo concordava com Ho Chi Minh, simplesmente por existirem classes antagônicas (colonizadores e colonos), sob um sistema econômico imperialista. Na verdade, não existe unanimidade de pensamento dentro de uma sociedade, conforme RÉMOND:

(...) as escolhas políticas não são o simples decalque das relações de forças entre categorias socioprofissionais. Estas, em primeiro lugar, são múltiplas e estão longe de se entender; só o observador externo pode ter a ilusão de sua homogeneidade. Sua diversidade, seus antagonismos proporcionam ao governo, aos políticos, ao aparelho administrativo uma margem de independência, um *espaço de liberdade* e uma capacidade de arbitragem que eles usam geralmente em função da ideia que fazem do interesse superior da coletividade nacional. (2004, pág. 24).

Foi com esse “espaço de liberdade” que Ho Chi Minh declarou a independência da República Democrática do Vietnã em 1945, e liderou o grupo revolucionário contra a colonização francesa e, posteriormente, contra a intervenção dos Estados Unidos na luta pela unificação do Vietnã do Sul com o Norte.

A abordagem do trabalho também utilizará a perspectiva da “Nova história militar”, que significa a “adoção de uma perspectiva interdisciplinar, o que implica estudar a guerra em sentido amplo, isto é, suas relações com a economia, a sociologia, a psicologia social, a ciência política, a antropologia, a filosofia.” (CARDOSO, 2012, p. 114)

Nesta abordagem o estudo de caso sobre as tribos Montagnard partirá de sua identidade cultural no contexto de guerra revolucionária na chamada “antropologização”. Juntamente com o relacionamento com as tropas americanas e que ações contribuíram positivamente ou negativamente para o emprego da estratégia de contra insurgência. (CARDOSO, 2012, p. 114)

Considera-se também o conceito de “universalização da história”, no qual não existem mais histórias estritamente locais, resultante do processo de expansão comercial europeu. Colocando assim as tribos isoladas no palco das relações de poder entre Estados Unidos e o bloco de países comunistas. (CARDOSO, 2012, p. 124)

Para compreender o contexto de guerra revolucionária existente no Vietnã façamos uma comparação com a guerra convencional:

Na maioria das guerras, as mesmas leis e princípios são igualmente verdadeiras para os dois lados. O que varia é como cada oponente as usa de acordo com sua habilidade, situação particular e poder relativo de combate. A guerra convencional pertence a esse caso geral. A guerra revolucionária, por outro lado, representa um caso excepcional não apenas porque, como suspeitamos, tem suas regras especiais, diferente da guerra convencional, mas também porque as regras aplicáveis em um lado não trabalham para o outro. Em uma luta entre uma mosca e um leão, a mosca não pode nocautear o leão e o leão não pode voar. É a mesma guerra para ambos os lados em termos de tempo e terreno, mas são duas campanhas distintas – a revolucionária e a contrarrevolucionária. (GALULA, 1964, p. 10, tradução nossa).

Tendo em vista a natureza diferenciada da guerra revolucionária, será necessário fazer um breve estudo sobre as leis e princípios que regem esse tipo de conflito para compreender a dinâmica das ações e decisões tomadas. Mas antes ainda, para que não fique dúvidas quanto aos beligerantes citados, em um primeiro momento têm-se:

Um lado será chamado de insurgente e suas ações de insurgência; do outro lado encontraremos o contra insurgente e a contra insurgência. Desde que insurgência e contra insurgência são dois aspectos diferentes do mesmo conflito, uma expressão é necessária para cobrir o todo: “guerra revolucionária” servirá para o propósito. (GALULA, 1964, p. 12, tradução nossa).

A insurgência, por sua vez, pode ser definida como “uma luta prolongada conduzida metodicamente, passo a passo, para alcançar objetivos intermediários específicos, levando finalmente à derrubada da ordem existente”. E ainda:

Parafrazeando Clausewitz, nós podemos dizer que “Insurgência é a perseguição da política de um partido, dentro de um país, por todos os meios.” Não é como uma guerra comum – a “continuação da política por todos os outros meios” – porque uma insurgência pode começar muito antes do insurgente resolver usar a força. (GALULA, 1964, p. 3, tradução nossa)

Cabe ainda diferenciar insurgência de guerrilha. A guerrilha se refere ao primeiro passo para a criação do poder militar do insurgente. Sua consolidação está concluída quando existem bases para a administração e é possível tirar proveito da população e dos recursos. “Guerra de guerrilha sem bases, diz Mao Tse-tung, não passa de banditismo itinerante; é impossível manter vínculos com a população, não pode se desenvolver e está fadado a ser derrotado.” (GALULA, 1964, p. 37, tradução nossa)

Assim, a insurgência engloba a guerrilha pois envolve ações (políticas, propagandistas e terroristas) que antecedem e acompanham a luta armada. O braço armado de uma insurgência surge pequeno, como guerrilha, e pode evoluir até o tamanho de um exército convencional

(principalmente se tiver apoio externo). O termo “guerrilheiro” é deduzido como o combatente armado de uma insurgência.

Para comparar a estratégia de contra insurgência, posta em prática no Vietnã, com a estratégia de atrito, serão utilizados conceitos de contra insurgência e contraguerrilha escritos por David Galula no livro *Counterinsurgency Warfare* de 1964; apesar de ter sido publicado após o início do período estudado.

Pois conforme Vrooman, “Galula apresenta um conceito viável que continua relevante hoje, mas ele limita sua teoria por apenas endereçar o que um país precisa fazer internamente para confrontar a insurgência. Isso reflete o ponto de vista prevalecente de contra insurgência na década de 1960.” (VROOMAN, 2005, p. 33, tradução nossa).

Outros aspectos contemporâneos como dinâmica da guerra revolucionária moderna, interdependência econômica e a conectividade propiciadas pela internet não são relevantes para analisar os aspectos relativos à população *Montagnard* da época. Portanto o trabalho de David Galula se mantém adequado para se ter um olhar histórico mais fidedigno. (VROOMAN, 2005, p. 33).

1.2 METODOLOGIA DE PESQUISA

Será realizada uma pesquisa descritiva pois seu objetivo é fazer uma análise das operações de contra insurgência realizadas no escopo definido, bem como analisar as relações entre insurgência, população e contra insurgência; para identificar aspectos que contribuíram para a perda da eficácia ao longo do tempo. A pesquisa descritiva “procura descobrir, com a [máxima] precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características”. (CERVO; BERVIAN, 1996, p. 49).

Isso se confirma, pois, a pesquisa faz uma análise das operações de contra insurgência à luz das leis, princípios, estratégias e táticas dominantes da época; destacando suas características e natureza no tocante à dinâmica de influência sobre a população por parte da contra insurgência.

Quanto ao método para a obtenção de dado, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pois todo o conhecimento para a compreensão e análise do fenômeno é proveniente de livros, artigos científicos, manuais e páginas da internet. Toda a história do Vietnã até os conflitos modernos contra a França e os Estados Unidos foram retirados principalmente do livro *Vietnam: A History* de Stanley Karnow e do livro *A História das Guerras* de Demétrio Magnoli.

O embasamento teórico da pesquisa foi extraído principalmente dos livros *Counterinsurgency Warfare* de David Galula, que apresenta os principais princípios e fundamentos de contra insurgência existentes na década de 60 e *Counterinsurgency lessons from Malaya and Vietnam: Learning to Eat Soup with a Knife* de John A. Nagl no qual o autor faz uma comparação dos princípios de contra insurgências aprendido pelo Reino Unido na Malásia e o compara com a aplicação deles no Vietnã, em um apoio de consultoria prestado e do livro.

Outros aspectos doutrinários mais atuais foram retirados do manual dos Estados Unidos de Contra Insurgência (*FM-3-24 MCWP 3-33.5 Insurgencies and Counter Insurgencies*) e do manual de guerra não convencional das forças de operações especiais (*FM 3-05.130 Army Special Operations Forces Unconventional Warfare*).

Parte das críticas à estratégia de atrito e das comparações com a contra insurgência e com o emprego de forças irregulares é proveniente dos livros *The Army and Vietnam* de Andrew F. Krepinevich, do livro *U.S. Army Special Forces 1961-1971* do Coronel Francis J. Kelly, no qual o emprego das forças especiais é discutido com maior aprofundamento; e do livro *Advice and Support: The Final Years* de Jeffrey J. Clarke que contribuiu no tocante ao papel dos conselheiros americanos, inclusive em aspectos relacionados à contra insurgência e ao CIDG.

O trabalho foi enriquecido pela monografia de Stephen Vrooman *A Counterinsurgency Campaign Plan Concept: The Galula Compass*, que serve de antítese para a obra de Galula; e principalmente pela monografia do Maj John D. Litchfield que faz a análise de uma abordagem contemporânea dos Estados Unidos no Iraque semelhante ao que foi visto no CIDG, *Unconventional Counterinsurgency: Leveraging Traditional Social Networks and Irregular Forces in Remote and Ungoverned Areas*.

Além desses, o livro “iniciação à pesquisa científica” serviu de referência para todas as normas técnicas de escrita do trabalho e diversos outros trabalhos que serão encontrados nas referências bibliográficas. Conforme citado no livro de iniciação à pesquisa científica:

para ampliar o grau de conhecimento em uma determinada área, capacitando o investigador a compreender ou delimitar melhor um problema de pesquisa; para dominar o conhecimento disponível e utilizá-lo como base ou fundamentação na construção de um modelo teórico explicativo de um problema, isto é, como instrumento auxiliar para a construção e fundamentação de hipóteses; para descrever ou sistematizar o estado da arte, daquele momento, pertinente a um determinado tema ou problema. (Köche, 2000, p.122)

O estudo compreenderá o programa desde a sua promissora formação, abordará as mudanças que influenciaram seu desempenho e suas consequências. Para então, comparar a

teoria de contra insurgência estudada com a prática executada e assim identificar boas práticas que deram certo e erros que tornaram o programa ineficiente.

Segundo a Academia Militar das Agulhas Negras “O estudo de caso é um estudo profundo e extenso de uma ou de poucas unidades (uma pessoa, uma família, uma comunidade, uma organização, uma empresa etc.), que podem ser verificadas empiricamente, de tal modo que seja permitido o seu conhecimento amplo e detalhado.” (2019, p. 63).

O caráter da pesquisa é evidentemente qualitativo pois o tema diz respeito à um fato histórico cujas características e sucessão de acontecimentos na região do planalto central do Vietnã do Sul é protagonizada pelos *Montagnard*, forças contra insurgentes antagônicos à insurgência vietcong. Conforme explicação constante no livro “Iniciação à pesquisa científica” da Academia Militar das Agulhas Negras:

Geralmente, as investigações que utilizam a análise qualitativa têm como objeto situações complexas ou estritamente particulares. A pesquisa qualitativa permite descrever a complexidade de um problema, analisar a interação entre variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir para o processo de mudança de um grupo social e possibilitar, com uma maior profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento do indivíduo. (ACADEMIA MILITAR DAS GULHAS NEGRAS, 2019, p. 57, **apud** SOUZA NETO, 2006, p. 54).

O viés qualitativo é reforçado pelo fato de não ser feita uma análise quantitativa, nem a utilização e gráficos ou tabelas que poderiam ser associadas a uma abordagem quantitativa.

O método dedutivo foi empregado para analisar os conceitos teóricos apresentados e interpretar as ações e decisões tomadas pelo Comando do Exército dos Estados Unidos no Vietnã do Sul, no tocante ao relacionamento das forças americanas com a população local, e o conseqüente impacto das ações sobre essa população. A partir da teoria serão analisadas as situações documentadas em livros para, por meio de um raciocínio lógico dedutivo, chegar à uma conclusão quanto a qualidade dessas ações e decisões.

Ao partir das leis, princípios, estratégias e táticas estudadas pela doutrina de contra insurgência, será possível qualificar os fenômenos estudados quanto à sua tendência para melhorar ou piorar o relacionamento com a população *Montagnard* e, conseqüentemente melhorar ou piorar a efetividade do próprio esforço contra insurgente empregado durante a Guerra do Vietnã. Estando assim, o método dedutivo alinhado com o conceito da Academia Militar das Agulhas Negras:

A dedução consiste em um recurso metodológico em que a racionalização ou combinação de ideias em sentido interpretativo vale mais do que a experimentação de

caso por caso. O raciocínio segue um fluxo que parte da generalidade do fenômeno para a particularidade de seus elementos. (2019, p. 45)

O método histórico também foi empregado, tendo em vista que “O método histórico parte do princípio de que as atuais formas de vida social, as instituições e os costumes têm origem no passado.” (AGULHAS NEGRAS, 2019, p. 48 **apud** MARCONI; LAKATOS, 1991). Portanto, ao estudar o relacionamento do Exército Americano com a população *Montagnard* e com os demais vietnamitas, observa-se a existência de uma diferença cultural muito grande entre esses personagens, fruto de suas diferentes histórias.

Portanto, compreender a natureza dos atores bem como suas características é essencial para se poder analisar como as ações e decisões da contraguerrilha tiveram impacto no relacionamento do Exército com essa população.

O processo utilizado para fasear a pesquisa teve início com a pesquisa de fontes bibliográficas relevantes para o tema em questão. Em seguida, a bibliografia selecionada foi organizada por meio de fichamentos para facilitar posteriormente a redação do trabalho. Feito isso, foi feita uma análise das informações reunidas sob a ótica dos objetivos de pesquisa para responder se o foco na estratégia de contra insurgência poderia ter obtido melhores resultados que o foco na estratégia de atrito durante a Guerra do Vietnã.

Observou-se durante a pesquisa que o trabalho apresentou um grau de complexidade superior às variáveis já previstas (Guerra do Vietnã e contra insurgência), pois envolveu aspectos relacionados à geografia, guerra irregular e hostilidade étnica interna em um contexto geopolítico de disputa ideológica bipolar pós 2ª GG, no qual o Vietnã buscava o fim da exploração colonial francesa. Para estruturar uma resposta coerente com a situação complexa existente, o trabalho foi dividido da seguinte maneira:

O segundo capítulo começa por introduz características geográficas e étnicas do Vietnã, passando a abordar a história desde a antiguidade, identificar características da população, para então conhecer o passado de exploração colonial francesa e as causas da Guerra da Indochina e da Guerra do Vietnã. A história das Guerras propriamente dita são abordadas buscando-se comparar ações relacionadas à estratégia de atrito ou à estratégia de pacificação.

O terceiro capítulo tem por finalidade analisar como a estratégia de pacificação foi aplicada durante a Guerra do Vietnã, tomando-se por base a doutrina de contra insurgência da época e atual. Conhecendo-se esses princípios e aplicando-os a Guerra é possível perceber como as ações de pacificação e ações de atrito interferem uma na outra, e assim, traçar possíveis comparações.

No quarto capítulo é apresentado o estudo de caso do *Civilian Irregular Defense Group* ao longo de suas diferentes fases e formatos. Trata-se de um modelo diferente de contra insurgência pois envolve aldeias tribais (os Montagnard) e operadores das forças especiais americanas em uma abordagem de guerra irregular. Fruto das características peculiares analisadas no CIDG é possível contribuir para a comparação entre as estratégias de atrito e de pacificação.

O quinto capítulo concluí o trabalho com a recapitulação da história, sob a ótica estudada, para que sejam tiradas deduções a respeito da comparação proposta no objetivo. Integra-se também o modelo proposto pelo CIDG para criar a hipótese de uma solução alternativa de como poderia ter-se conduzido o conflito no Vietnã, e assim responder ao problema proposto.

2 A GUERRA DO VIETNÃ

O objetivo deste capítulo é compreender os motivos e causas da guerra do Vietnã, o desenrolar dos acontecimentos e a evolução da guerra durante as suas diferentes fases e estratégias aplicadas. Portanto é necessário primeiramente conhecer aspectos históricos que moldaram algumas características marcantes dos vietnamitas, como o sentimento de patriotismo, experiências com guerrilha e suas motivações políticas, para então observar sua situação geopolítica no contexto da época e compreender a Guerra.

O Vietnã está localizado na Ásia Oriental, especificamente na região conhecida como Sudeste Asiático durante a expansão imperial japonesa. Essa área também é referida como península da Indochina, devido à sua localização peninsular entre a China e a Índia. O território vietnamita é delimitado pelo mar do Sul da China ao leste e ao sul. A oeste, faz fronteira com o Camboja e o Laos, enquanto ao norte faz divisa com a China. (MAGNOLI, 2006, p. 392)

Seu formato pode ser descrito como longo e estreito, que lembra um “S”. O relevo é variado, com montanhas ao norte e a sul, planícies costeiras no centro e nos deltas dos rios Vermelho e Mekong. A vegetação inclui florestas tropicais no Norte, manguezais no delta do Rio Mekong, florestas tropicais e cultivos principalmente de arroz na região central.

A população que povoou as planícies costeiras e dos rios Vermelho e Mekong apresentam “impressionante uniformidade cultural”, fruto da imigração de povos da região do Tonquim (porção norte do Vietnã). A exceção são os povos que vivem na região montanhosa do planalto central, dezenas de etnias que juntos formam os Montagnard e correspondem a maior diversidade étnica. (MAGNOLI, 2006, p. 396)

A história do Vietnã é marcada por uma série de invasões de outros povos, principalmente oriundos da China. O primeiro registro histórico remonta de 208 a.C., quando o general chinês Trieu Da dominou uma região montanhosa ao norte do Vietnã e fundou a capital próximo a cidade de Canon. (KARNOW, 1997, p. 112).

Os próximos séculos foram marcados por uma série de revoltas contra a exploração chinesa, que encontraram resistência quando uma mulher viúva chamada Trung Trac e sua irmã lideraram a maior insurreição até então contra a China. Após eliminarem os chineses da região criaram um estado independente, porém, dois anos depois os chineses retornaram e destruíram o movimento. As irmãs Trung cometeram suicídio à moda aristocrática, jogando-se em um rio. (KARNOW, 1997, p. 112).

Outra mulher, Trieu Au, lançou uma revolta contra a China em 248 d.C. liderando mais de 100 homens em combate, mas morreu aos 23 anos preferindo cometer suicídio a sofrer

a vergonha da derrota. Em suas últimas palavras disse “quero lutar contra o vento e a maré, matar as baleias no mar, varrer o país inteiro para salvar o povo da escravidão, e me recuso a ser abusada.” (KARNOW, 1997, p. 112, tradução nossa).

Outro herói vietnamita foi Ngo Quyen que no ano de 938 preparou uma armadilha para uma frota Chinesa que se aproximava pelo rio Bach Dang. Ele ordenou que seus homens posicionassem lanças com pontas de ferro no rio, abaixo da superfície. Então, enquanto a maré estava alta engajou os Chineses, quando a maré começou a baixar começou a fugir para atrair os Chineses para as lanças. As embarcações Chinesas foram empaladas e Ngo Quyen retornou para destruí-las. (KARNOW, 1997, p. 113).

Os Mongóis também tentaram conquistar territórios no Vietnã para controlar a rota das especiarias três vezes. Na última batalha, trezentos mil mongóis sob o comando do imperador Kublai Khan, foram derrotados pelo Comandante vietnamita Tran Hung Dao, no Vale do Rio Vermelho em 1287. “Kublai não se saiu melhor no sudeste asiático, pois o estilo de guerrear dos mongóis, muito eficiente nas estepes, mostrou-se inadequado nas selvas tropicais daquela região”. (LACERDA e SAVIAN, 2015, p. 101).

As táticas de guerrilha foram utilizadas novamente em 1418 quando Le Loi levantou uma revolta contra a dinastia Ming, ensinando as táticas de Tran Hung Dao à amigos, aldeãos e até à bandidos locais na região das montanhas. A insegurança cresceu entre os chineses até o ponto em que se apegavam tanto às cidades que só se aventuravam a sair delas durante o dia. O poeta Nguyen Trat, conselheiro de Le Loi pareceu prever a doutrina comunista do século XX na constatação “Melhor conquistar corações do que cidadelas.”. (KARNOW, 1997, p. 116, tradução nossa).

A vitória de Le Loi deu início a um período de prosperidade com a distribuição de terra ao povo, recompensas à lealdade das famílias e a construção de sistemas de irrigação, diques e represas para aumentar a produção agrícola. Seu sucessor Le Thanh Tong elevou o Vietnã à sua melhor forma, com a criação de um sistema político e burocrático que permitia manter a autoridade central junto a flexibilidade local, com inspetores monitorando os serviços prestados à população. (KARNOW, 1997, p. 117).

O Vietnã teve um período de grande estabilidade, até o início do século XVI, quando o desentendimento entre as famílias rivais Nguyn e Trinh deu início a uma série de distúrbios civis que durariam até o final do século XVIII. Neste momento, o líder vietnamita Nguyen Ahn pediu ao francês Pigneau de Béhaine que levasse um apelo em favor de sua causa à Versalhes, dando respaldo para o neocolonialismo francês. (KARNOW, 1997, p. 118).

2.1 IMPERIALISMO FRANCÊS

Com a chegada do imperialismo francês, houve a imposição de uma administração colonial sobre os reinos do Camboja e do Laos e dos três reinos vietnamitas do Tonquim (norte), Anã (centro) e Cochinchina (sul), região esta que passaria a se chamar “Indochina Francesa”. Objetivando desenvolver o potencial econômico de exportação da região e alimentar a industrialização na Europa, a administração colonial investiu pesado nos produtos de base, principalmente, borracha e arroz. (MAGNOLI, 2006, p. 393)

Entretanto, a exploração econômica juntamente com a falta de compreensão sobre a cultura local fez surgirem tensões sociais. Paul Doumer – administrador colonial francês – transformou o país em uma empresa extremamente lucrativa. Uma das iniciativas mais lucrativas foi a criação do monopólio da produção e do mercado de álcool, sal e ópio. (KARNOW, 1997, p. 128)

O mercado de ópio foi particularmente lucrativo, tendo em vista que inicialmente a droga não era usada por vietnamitas, mas a construção de uma refinaria em Saigon com uma marca que queimava mais rápido e, portanto, encorajava o consumo. O crescimento foi tamanho que logo o ópio se tornou responsável por um terço das arrecadações. (KARNOW, 1997, p. 128).

Ao mesmo tempo, a política de terras de Doumer acelerava o deslocamento da população rural, pois ao permitir a exportação deu início a especulação fundiária. A população sem-terra servia então de mão de obra barata nas minas, na exploração da borracha, construções e outras indústrias. Karnow relata as condições de trabalho de uma dessas indústrias. (KARNOW, 1997, p. 129).

Borracha, a segunda maior exportação depois do arroz era produzida por trabalhadores virtualmente contratados tão afetados pela malária, desinteria e mal nutrição que em uma companhia de plantação da empresa Michelin doze mil dos vinte e cinco mil funcionários morreram entre 1917 e 1944. (KARNOW, 1997, p. 129, tradução nossa).

Apesar do administrador ter sido substituído por liberais que entendiam a necessidade de reformas, pouco foi feito para melhorar as condições de vida dos vietnamitas. Essas condições resultaram no que Mao Tse Tung chama de “situação de potencial revolucionário” quando o governo não consegue atender as necessidades básicas de sua população. (NAGL, 2002, p. 43)

As tensões sociais produziram diferentes figuras políticas que buscavam acabar com a exploração francesa. Um dos personagens que mudaria a história do Vietnã e ficou conhecido

pelo nome de Ho Chi Minh, foi um jovem vietnamita que estudou na França durante os anos 20. Posteriormente se juntou a outros personagens na Frente Democrática indochinesa em busca de mudanças políticas. (MAGNOLI, 2006, p. 394).

2.2 INÍCIO DA LUTA ARMADA

Ho Chi Minh viu uma grande oportunidade com as mudanças geopolíticas provocadas pela Segunda Guerra Mundial: a ocupação do Vietnã pelos Japoneses e a humilhação da França abalaram a ideia de invencibilidade das potências coloniais europeias. Então formou o Vietminh como uma frente nacionalista para, inicialmente, expulsar os japoneses por meio da luta armada. (MAGNOLI, 2006, p. 394).

A luta armada contra a ocupação Japonesa foi liderada por Vo Nguyen Giap e incluía ações de guerrilha, sabotagem de linhas de suprimento e ataques a instalações militares. Além disso, o Vietminh trabalhou com os Aliados para obter informações e apoio.

A ocupação japonesa era apoiada pelo regime Vichy (governo francês durante a ocupação nazista) e, conseqüentemente, pela administração francesa da Indochina. Com a queda do regime, os japoneses orientaram o imperador Bao Dai em Hanói a proclamar “o fim do protetorado francês e a independência.” Então o Vietminh reage proclamando a ilegalidade do regime. (MAGNOLI, 2006, p. 394).

Segundo Magnoli, aproximando-se do fim da Segunda Guerra Mundial, os Aliados decidem como resolver problema do Vietnã na Conferência de Potsdam, onde o país é dividido ao meio no paralelo 17° N. Também é projetada a criação de uma zona de ocupação chinesa na porção norte e uma zona britânica ao sul. (2006, p. 394)

Entretanto, o Vietminh também tinha seus planos. Com a rendição do Japão e a aproximação dos primeiros destacamentos do Vietminh a Hanói, o Imperador Bao Dai se vê obrigado a renunciar; conferindo a Ho Chi Minh legitimidade aos olhos vietnamitas. Ho Chi Minh então declara a independência do Vietnã e estabelece um governo republicano em Hanói. (KARNOW, 1997, p. 163).

Ho Chi Minh ainda esperava receber apoio dos Estados Unidos da América e estava disposto a receber até um milhão de soldados americanos, mas nenhum francês. Entretanto, apesar de saber do ímpeto nacionalista que o país asiático vivia, os EUA optaram em apoiar a restauração do domínio francês. (KARNOW, 1997, p. 164)

Foi então, com o apoio americano, que tropas francesas chegaram a Hanói e Saigon, formando uma república única com capital em Saigon. Assim os interesses coloniais

começaram a ser impostos novamente, com o fechamento da imprensa nacional, permitindo a circulação de apenas material francês e o retorno de mil e quatrocentos soldados franceses da Legião Estrangeira. (KARNOW, 1997, p. 164).

Os líderes Vietminh desesperados mobilizaram protestos massivos. Porém, os soldados franceses responderam dando início a uma onda de violência generalizada, tomando estações de polícia e outros órgãos públicos, batendo até em crianças e invadindo casas e lojas. (KARNOW, 1997, p. 164).

2.3 GUERRA DA INDOCHINA

Até então as lideranças Vietminh tentaram demonstrar temperança, esperando ganhar apoio internacional. Porém, também temiam perder o apoio de seus militantes se não demonstrassem força. Portanto, “O Vietminh reagiu com terrorismo contra os franceses e seus aliados na Cochinchina”, enquanto as forças francesas usaram do apoio de bombardeio para expulsar o governo comunista de Hanói. (MAGNOLI, 2006, p. 395).

No início da guerra, a França tinha equipamentos melhores, soldados veteranos da Segunda Guerra Mundial e voluntários de seus territórios ultramarinos. O Vietminh, por outro lado, contava com trinta mil homens motivados a lutar pela independência, porém deficientes em equipamento e instrução. (LACERDA e SAVIAN, 2015, p. 308).

Para fazer frente ao poderio militar francês, Ho Chi Minh e Vo Nguyen Giap reconheceram que uma guerra prolongada seria favorável, pois, conforme a guerra se arrastasse, a opinião pública pressionaria a França tanto dentro do Vietnã como na Europa. (KARNOW, 1997, p. 196).

Apesar de possuírem uma estratégia, estarem organizados e terem um grande objetivo para motivá-los, ainda faltavam equipamentos para que a guerrilha se tornasse uma verdadeira ameaça para a presença da França no Vietnã. Os armamentos modernos viriam com a vitória comunista na Revolução Chinesa em 1949, por meio de trilhas, em meio as selvas e montanhas que ligam o norte do Vietnã à China. (MAGNOLI, 2006, p. 398)

Além do material, a China também oferecia santuários seguros e campos de treinamento próximos a Nanning e Ching Hsi no seu lado da fronteira, e enviavam conselheiros militares. Assim Giap pode expandir seus contingentes até os níveis de divisões, inclusive com regimentos de artilharia e engenharia. (KARNOW, 1997, p. 199).

Tendo reunido os meios, Giap traçou dois objetivos estratégicos específicos: Retirar os franceses de suas bases na fronteira norte para estabelecer uma rota de suprimento livre e

conquistar a capital Hanoi e a cidade de Saigon. Porém, a campanha dependeria do controle dos campos de arroz próximos ao Vale do Rio Vermelho. (KARNOW, 1997, p. 201).

Para impedir que os guerrilheiros mantivessem o controle desses territórios o General francês Henri Navarre, comandante das forças francesas, criou o conceito de “pontos de amarração”. Os pontos de amarração serviriam como postos avançados para atacar posições Vietminh, além de poder persuadir ou comprar o apoio das tribos montanhesas Thai e Hmong para lutar contra os Vietminh. (KARNOW, 1997, p. 204, tradução nossa).

“(...) o controle sobre esse ponto estratégico abriria caminho para a gradual expansão do teatro de operações nas montanhas e para a interrupção das rotas do Vietminh que conectavam o Tonquim ao Laos e à China. Mas, sobretudo, os franceses pretendiam atrair Giap para uma grande confrontação convencional.” (MAGNOLI, 2006, p. 400)

Do outro lado, Giap percebeu que as forças francesas estariam isoladas no Vale, dependendo exclusivamente de ressuprimento aéreo, enquanto ele detinha o controle das colinas que circundavam a cidade para usar seus canhões, além de possuir uma linha de ressuprimento. (KARNOW, 1997, p. 206)

Então Giap decidiu concentrar trinta e três batalhões de infantaria, seis regimentos de artilharia e um regimento de engenharia, tendo que ultrapassar montanhas e selvas durante a noite para evitar bombardeios franceses. Seu material consistia basicamente no fuzil, munição e granadas de mão; além de suas mochilas com cobertor, rede de mosquito, uma roupa de muda e o suprimento de arroz. (KARNOW, 1997, p. 206)

Em 13 de março de 1954, Giap lançou o assalto que começou com a infantaria destruindo as 3 posições de artilharia francesa logo nos primeiros dias. Para poupar suas tropas em uma guerra de atrito, Giap escolheu desacelerar sua ofensiva, vendo que as chuvas prejudicavam os bombardeios e o ressuprimento aéreo francês, enquanto usava sua artilharia do alto das colinas para desgastar as posições francesas. (MAGNOLI, 2006, p. 401) e (KARNOW, 1997, p. 212)

Ainda assim, a França solicitou ajuda urgente dos EUA, que prontamente surgiu com um plano de enviar 60 bombardeios B-29 das Filipinas. Porém, o General Matthew Ridgway, chefe do estado maior do exército, argumentou que os bombardeios não teriam sucesso e que seria necessário o envio de divisões de infantaria, tendo em vista que a região é desprovida de objetivos militares decisivos. (KARNOW, 1997, p. 213)

Sem auxílio dos B-52 americano e recebendo suprimentos apenas pelo ar, os franceses se viram encurralados em Dien Bien Phu, e em 7 de maio de 1954 a bandeira vermelha do

Vietminh era hasteada do bunker do comandante francês. O acordo de paz foi firmado na Conferência de Genebra em 20 de julho de 1954, no qual a Indochina teria os seguintes estados independentes: Vietnã, Laos e Camboja. O Vietnã seria dividido no paralelo 17, até que eleições gerais previstas para 1956 reunificassem o país. (KARNOW, 1997, p. 219) e (MAGNOLI, 2006, p. 401).

2.4 CONFLITO VIETNAMITA

O país ficou provisoriamente dividido, tendo o governo comunista de Ho Chi Minh em Hanói no Vietnã do Norte, e no Vietnã do Sul, o governo do Presidente Ngo Dinh Diem em Saigon, indicado pelo imperador Bao Dai. (MAGNOLI, 2006, p. 402).

Diem buscou coibir a presença de guerrilheiros Vietcong - nome que passaram a ter no Vietnã do Sul, após a definição do paralelo 17 – com as chamadas “*agroville*”: aldeias que (em tese) ofereceriam melhor condições de vida para a população e protegeria da influência comunista. Karnow visitou uma dessas aldeias, e descreveu que “Possuía uma cerca de bambu protegendo as cabanas de telhado, os aldeões tinham acesso à energia elétrica pela primeira vez, havia escola e indústrias caseiras de algodão para dar-lhes rendimentos entre as colheitas.” (KARNOW, 1997, p. 247, tradução nossa)

Infelizmente, o projeto não observou outros aspectos socioculturais importantes. Os aldeões foram retirados de suas vilas natais, onde estavam os túmulos de seus antepassados, rompendo com antigas tradições. Eles eram educados nos deveres cívicos, mas viam tudo aquilo apenas como trabalhos forçados, principalmente devido ao fato de 2000 aldeões terem abandonado suas vilas para construir a *agroville* que só tinha espaço para 600 deles. (KARNOW, 1997, p. 247)

A corrupção dos oficiais também prejudicava a opinião pública pois a população ficava sem fertilizantes, pesticidas e até sem suas porções de arroz; suprimentos financiados pelos EUA. Conforme as eleições previstas para 1956 se aproximavam, o governo de Diem já era visto como corrupto e “(...) em julho de 1955, Saigon anuncia a recusa em participar das eleições gerais de reunificação, sob o pretexto de que seria impossível conduzir eleições livres no Vietnã do Norte.” (KARNOW, 1997, p. 247) e (MAGNOLI, 2006, p. 404).

Insatisfeitos com a perseguição implacável do regime de Diem, os Vietcongs começaram a promover assassinatos contra oficiais do Vietnã do Sul, em uma campanha de terror no final de 1957. Conforme a tensão foi escalando, os guerrilheiros se preparavam para retornar a luta armada. (KARNOW, 1997, p. 254)

Conforme Magnoli, esse momento chegou quando:

“Em março de 1959, Ho Chi Minh conclama uma “guerra popular” no Vietnã do Sul e ordena a construção de uma longa trilha pelas selvas conectando o Vietnã do Norte às montanhas do Vietnã do Sul, através do Laos e do Camboja. Em julho, 4 mil guerrilheiros comunistas nascidos no Sul deixam seus campos de treinamento no Norte e infiltram-se no Vietnã do Sul.” (2006, p. 404).

Para enviar tantos homens já se preparando para os efetivos ainda maiores que viriam a ser necessários, Ho Chi Minh impõe o recrutamento militar universal, em abril de 1960 e cria a Frente Nacional de Libertação para dar orientação política a guerrilha no Sul, ainda no mesmo ano. Em contrapartida, Diem pede ajuda militar de seus aliados americanos para apoiá-lo contra o Vietcong. (MAGNOLI, 2006, p. 405).

A ajuda chega no outono de 1961, com 400 militares das forças especiais do exército americano que tinham a missão de servir como conselheiros militares no MAAG. Essa forma de ação, considerada indireta por não usar tropas combatentes americanas, foi promovida pelo presidente americano John F. Kennedy que via nas estratégias de contra insurgência uma forma mais adequada de lidar com a situação no Vietnã. (MAGNOLI, 2006, p. 405) e (KARNOW, 1997, p. 266)

Kennedy enviou um de seus conselheiros, o General Maxwell Taylor – que viria a ser embaixador em Saigon, durante o governo de Johnson – para visitar Diem no Vietnã, e assim, ter uma percepção melhor da situação. Taylor sugeriu o envio das primeiras tropas: oito mil combatentes, disfarçados de tropas logísticas, que teriam o pretexto de lidar com as inundações no Delta do rio Mekong. (KARNOW, 1997, p. 269)

Porém, o Presidente americano não estava disposto a enviar tropas combatentes americanas, optando então por fazer um grande investimento no programa Strategic Hamlet (Aldeias Estratégicas), que tinha um objetivo semelhante ao programa das chamadas agrovilhe. “O plano era encurralar os camponeses em paliçadas armadas, privando assim os vietcongs de seu apoio; já que não poderiam sobreviver sem população, assim como os peixes morrem fora da água, segundo a metáfora de Mao Tse Tung.” (KARNOW, 1997, p. 272, tradução nossa)

O programa foi encorajado pelo conselheiro britânico Robert Thompson, que havia empregado um programa semelhante na Malásia, com sucesso. Mas Thompson apontou diferenças entre sua experiência e a situação no Vietnã: na Malásia existia uma diferença étnica entre insurgentes e aldeões (chineses x malaios) enquanto naquela região do Vietnã, são todos vietnamitas. Na Malásia existia pouco arroz então o inimigo sofreria muito mais com a falta de

ressuprimento, enquanto no Vietnã havia maior abundância de comida e uma rede logística eficaz. (KARNOW, 1997, p. 268)

Essas diferenças dificultariam o sucesso do programa, mas a forma como foi conduzido garantiu o fracasso:

Além disso, Diem via o *Strategic Hamlet* como uma forma de aumentar sua influência, e estava preocupado apenas em aumentar seus números. Não prestaram atenção no propósito do programa, infundir nos aldeões o desejo de resistir ao Vietcong. Como Robert Thompson disse depois: Nenhuma atenção foi dada ao seu propósito. A criação se tornou o propósito em si mesma. (KARNOW, 1997, p. 272, tradução nossa)

Simultaneamente ao programa *Strategic Hamlet*, o exército do Vietnã do Sul se preparava para enfrentar os Vietcong no campo de batalha em um combate convencional, principalmente com a chegada do apoio de helicóptero dos EUA. As tropas comunistas inicialmente sofreram, pois, seus santuários agora poderiam ser atacados mais facilmente; porém logo se adaptaram, cavando tuneis e abrigos contra-ataques de helicópteros e atacando as clareiras usadas para o pouso dos helicópteros. (KARNOW, 1997, p. 275)

A primeira chance de realizar um grande ataque ao Vietcong veio no final de dezembro de 1962, quando a inteligência localizou três companhias inimigas nas vizinhanças de Ap Bac. Os conselheiros americanos sugeriram atacar o quanto antes, no dia primeiro de setembro de 1963, mas Diem resolveu dar uma noite de folga para os pilotos no ano novo. O atraso no ataque permitiu que os Vietcong preparassem posições defensivas ao longo do canal, indo de Ap Bac para a próxima aldeia, Ap Tan Thoi. (KARNOW, 1997, p. 277)

Quando as tropas do Vietnã do Sul finalmente se aproximavam pelo Norte e pelo Sul, os guerrilheiros correram para Leste, por uma porção do terreno de vegetação aberta que estava preparada para ser batida com fogos de artilharia. O conselheiro americano da sétima divisão, Tenente Coronel John Paul Vann, aconselhou lançar paraquedistas nesta posição para bloquear o retraimento dos Vietcong. (KARNOW, 1997, p. 278)

Entretanto, o General Cao, comandante do quarto corpo de exército, se recusou a usar os paraquedistas no momento oportuno, até finalmente decidir lançar os paraquedistas quando já estava anoitecendo, no **Oeste**. A posição era inútil, não bloqueava o retraimento inimigo e pior: acabaria por confundir as tropas e resultar no fratricídio, com um total de 61 mortos e centenas de feridos por fogo amigo. (KARNOW, 1997, p. 278)

“O alto escalão dos Estados Unidos recusou ver Ap Bac como um episódio de desastre. O Almirante Harry Felt, comandante americano do Pacífico, voou para

Saigon dois dias depois e chamou isso de um triunfo Sul Vietnamita porque, como ele apontou, o Vietcong havia abandonado suas posições. Suas considerações, partilhada por outros oficiais e civis americanos, novamente sublinhavam seu conceito sobre o conflito: uma guerra convencional por território, como a segunda guerra mundial ou a guerra da Coreia, as experiências que os marcaram.” (MAGNOLI, 2006, p. 406)

O resultado de Ap Bac, juntamente com manifestações budistas de autoimolações acabariam por aproximar o governo de Diem de seu fim. Os próximos meses foram marcados por profundas mudanças políticas, não só no Vietnã do Sul. (MAGNOLI, 2006, p. 406)

(...) a Casa Branca distancia-se de Diem e estimula conspirações golpistas conduzidas nos altos círculos militares do Vietnã do Sul. O golpe acontece em 1º e 2 de novembro. Diem é preso e assassinado, possivelmente com a participação da CIA. Em Saigon, comemora-se a queda do regime, enquanto no interior a guerrilha se aproveita do vácuo de poder para reforçar suas posições. Três semanas depois, o assassinato de Kennedy conduzia Johnson à presidência dos Estados Unidos. (MAGNOLI, 2006, p. 406)

Com a queda de Diem, iniciou-se uma desmobilização da guerrilha Vietcong, que começou a voltar para suas aldeias; muitos guerrilheiros estavam ali contra Diem. Foi aí que Bui Tin – comandante sênior de Hanoi – percebeu que seria necessário passar para a fase de guerra convencional para não perder o *momentum* que a causa revolucionária havia alcançado. (KARNOW, 1997, p. 348)

Bui Tin conclui que a única escolha para os comunistas era mandar um contingente considerável de Norte vietnamitas para o sul. ‘Nós precisávamos sair da fase de guerrilha para a fase de guerra convencional’ ele me explicou ‘caso contrário, nosso futuro seria sombrio’. Bui Tin (...) prosseguiu ao longo da trilha Ho Chi Minh para verificar o estado das tropas. (KARNOW, 1997, p. 348, tradução nossa)

Quando Bui Tin retornou a Hanói, apenas confirmou a decisão do alto escalão comunista de enviar tropas convencionais, bem como transformar a trilha Ho Chi Minh em um sistema logístico moderno. Antecipando os bombardeios aéreos americanos, ele mandou que se cavassem alojamentos subterrâneos, hospitais, depósitos e bunkers. (KARNOW, 1997, p. 348)

De fato, Johnson autorizou operações de bombardeio secretos contra a trilha Ho Chi Minh em março de 1964, além de operações encobertas para destruir radares no litoral do Vietnã do Norte. Em uma dessas operações, lançadas a partir do golfo de Tonquim, o destróier USS Maddox, reporta que havia sido alvo de torpedos. Apesar do ataque nunca ter sido comprovado, abriu precedente para uma resolução do congresso que dava amplos poderes para o presidente tomar ações visando impedir novos ataques. (MAGNOLI, 2006, p. 407)

Com a incursão de efetivos maiores e mais bem organizados vindos do Norte, ataques de maiores proporções começaram a ocorrer. No final de 1964 afirmava que o Vietcong teria medo de provocar o grande poderio militar americano, até que, 3 semanas após essa previsão, o Vietcong provou que estavam errados. (KARNOW, 1997, p. 418)

Em 1 de novembro de 1964, aproximadamente 100 soldados do Vietcong, vestindo-se de pijamas pretos e armados com morteiros se aproximaram da base de Bien Hoa, 20 quilômetros ao norte de Saigon, onde os EUA possuíam jatos bombardeiros B-57. Os aviões estavam dispostos em campo aberto para evitar ações de sabotagem. (KARNOW, 1997, p. 418)

Os guerrilheiros iniciaram o ataque no começo da noite, destruindo depósitos de combustíveis e 6 jatos B-57 e danificando mais de 20 outros. 5 americanos e 2 vietnamitas do sul foram mortos e mais de 100 ficaram feridos. Antes do ataque, aldeões locais viram que eram soldados do Vietcong que se aproximaram, mas não deram nenhum tipo de aviso. (KARNOW, 1997, p. 418)

2.5 GUERRA DO VIETNÃ

Temendo sofrer outro ataque, o general Westmoreland – comandante das forças Americanas no Vietnã – pediu ao Presidente Johnson o envio de dois batalhões para proteger a base aérea de Da Nang. Johnson atendeu o pedido, marcando o envio das primeiras tropas americanas, além de ditar uma **importante mudança estratégica**: Johnson iniciou operações de bombardeios aéreos e de patrulhas pelo interior do país. (MAGNOLI, 2006, p. 408)

A mudança estratégica havia sido concebida pelo General Westmoreland ainda antes de Lyndon Johnson corresponder a seu pedido por mais batalhões americanos.

Ele iria primeiro enviar as tropas americanas para proteger as bases aéreas e de suprimento dos EUA ao longo da costa sul-vietnamita e ao redor de Saigon. Ao mesmo tempo, enviaria unidades para o planalto central de modo a bloquear qualquer tentativa feita pelos norte-vietnamitas e vietcongs de dividir o país em dois. (...) tendo ganho a iniciativa, ele planejou enviar uma série de operações de “buscar e destruir” na qual as forças americanas, com sua mobilidade e poder de fogo vastamente superior, iriam esmagar o inimigo implacavelmente. E finalmente, como ele colocou, ele iria ‘limpar’ os comunistas restantes para atingir a vitória. (KARNOW, 1997, p. 450, tradução nossa)

Além das patrulhas, Johnson contaria com o bombardeio intensivo do Vietnã de Norte e com o programa de **pacificação**. A operação Rolling Thunder atenderia o objetivo de bombardeio intensivo do Vietnã do Norte, principalmente as fábricas, bases militares e a trilha

Ho Chi Minh. Mas também buscavam abalar o espírito do Vietnã do Norte. (MAGNOLI, 2006, p. 409)

O ambicioso programa conhecido como “pacificação”, envolvia a ideia de conquistar “corações e mentes”, ou seja, o apoio da população. Mas a abordagem na realidade usava a força para atingir esse objetivo, como oficiais americanos resumiam, “pegue-os pelas bolas, e seus corações e mentes irão seguir”. (KARNOW, 1997, p. 450, tradução nossa)

Com os bombardeios e a pacificação acontecendo, deu-se início as operações de “busca e apreensão”. O objetivo era interromper a chegada de guerrilheiros ao Sul, tanto por mar quanto por terra. Entretanto, conforme Magnoli, apenas parte do objetivo foi alcançado “As operações destinadas a interromper o fluxo de infiltrações por mar foram logo coroadas de sucesso, mas os pesados e incessantes bombardeios sobre a trilha Ho Chi Minh jamais alcançaram seus objetivos.” (MAGNOLI, 2006, p. 409)

O resultado foi a criação de um mesmo padrão que se repetiu por toda a guerra: americanos vasculhavam territórios que não tinham como controlar. Assim, a Guerra do Vietnã foi um conflito diferente daqueles nos quais exército conquistam territórios e fazem o front avançar, se assemelhando mais a um teste de resistência no qual prevaleceria. (KARNOW, 1997, p. 478)

Ainda assim, as grandes batalhas resultavam em pesadas baixas para as tropas comunistas, como por exemplo: a Operação Junction City, que deixou 2.700 guerrilheiros mortos para 300 soldados americanos, ou as Batalha de Con Thieu e Dak To, que eliminaram, respectivamente, 2 mil e 1.600 vietcongs. (MAGNOLI, 2006, p. 410)

A elevada taxa de baixas do inimigo em relação as tropas americanas, juntamente com a impossibilidade de avaliar o progresso da guerra a partir da conquista de território, levou ao surgimento do conceito de “*Kill Ratio*”. O conceito consiste na razão entre o número de inimigos mortos pelo número de americanos mortos e favoreceu o argumento do General Westmoreland de que suas missões de buscar-e-destruir estavam gerando avanços na guerra. (KARNOW, 1997, p. 494)

Apesar desses resultados positivos, Johnson mandou McNamara – secretário de defesa – realizar uma avaliação da situação no Vietnã em outubro de 1966. Em sua percepção, a iniciativa militar do inimigo foi severamente reduzida, mas a guerra não aparentava estar próxima do fim. Apesar do governo de Saigon transparecer estabilidade, o esforço de pacificação retrocedeu. O aparato político comunista se espalhou na maior parte do país e não existia área totalmente segura, nem mesmo em partes sob controle dos Estados Unidos. (KARNOW, 1997, p. 514)

O pior de tudo, segundo McNamara “(...) as lideranças sul vietnamitas e a população estiveram apáticas, corruptas e indisciplinadas, e parece não haver prospecto algum de retirá-las desse torpor”. Apesar de se saber que a guerra precisa ser lutada e vencida pelos vietnamitas, não foi possível encontrar uma forma de treiná-los e inspirá-los a lutar e vencer. (KARNOW, 1997, p. 514, tradução nossa)

Em novembro de 1967, McNamara anuncia sua renúncia do cargo de secretário da defesa, pouquíssimo tempo antes da batalha por Khe Sanh, que foi amplamente televisionada. Segundo Magnoli:

Em 21 de janeiro de 1968, 20 mil soldados do Vietnã do Norte cercam 5 mil marines na base aérea americana de Khe Sanh, que guarnecia a passagem ocidental da Zona Desmilitarizada. O cerco perduraria por 77 dias, durante os quais a mídia se referiu sem cessar a um ‘novo Dien Bien Phu (MAGNOLI, 2006, p. 410)

A intensão era atrair as forças americanas para o norte, antes da Ofensiva do Tet. A Ofensiva do Tet foi um ataque massivo lançado por tropas do Vietnã do Norte (Exército regular) e do Vietcong contra o Vietnã do Sul, no dia do ano novo lunar, violando o cessar fogo ao qual haviam se comprometido. Quase 70 mil vietcongs atacaram dezenas de cidades no Vietnã do Sul com o objetivo de conquistar e manter essas cidades, contando principalmente com o levante das populações locais contrárias a presença imperialista americana. (KARNOW, 1997, p. 536)

Apesar de não conseguirem manter as cidades e não terem provocado os levantes que esperavam provocar, o General Giap considerou que a ofensiva do Tet foi uma vitória política e diplomática, e disse também:

Nós escolhemos o Tet porque, na guerra, você precisa medir o momento propício, quando tempo e espaço são propícios. Seu esforço e disciplina provaram que nosso exército e nosso povo são disciplinados e determinados. Nós atacamos a mente do inimigo, seus quartéis em Saigon, mostrando que não são invioláveis. Nossas forças destruíram grandes quantidades de armamento e outros equipamentos, destruímos diversas unidades de elite. Nós dramatizamos que não estávamos cansados nem a beira da derrota, como Westmoreland clamava. E, apesar de sabermos que a maioria dos americanos não tinham nada contra nós, quisemos levar a guerra para suas famílias na América – para demonstrar *n'est-ce pas* (não é), que se sangue Vietnamita fosse derramado, também o era o sangue americano. Nós fizemos isso, e mais e mais americanos renunciaram a guerra. (KARNOW, 1997, p. 557, tradução nossa)

A opinião pública acabou por pressionar o presidente Johnson a não concorrer para a reeleição, sendo Richard Nixon seu substituto. De forma geral, Nixon construiu sua carreira

política com uma imagem anticomunista muito forte, e não queria ser o primeiro presidente americano a perder uma guerra. (KARNOW, 1997, p. 593)

Nixon foi além no programa de bombardeio das estruturas logísticas do Vietcong, ordenando o bombardeio de “santuários” e outras estruturas vietcong dentro do Camboja, além de antigos diques responsáveis por controlar as cheias para o cultivo do arroz. Uma operação secreta que nem mesmo o congresso americano tinha ciência. (MAGNOLI, 2006, p. 413)

Também autorizou a condução do programa “Phoenix” da CIA que consistia em treinar agentes militares, policiais e civis para então introduzi-los junto a população camponesa, coletar informações e neutralizar (prender ou matar) comissários comunistas. O programa teve forte impacto, conforme uma líder veterana do Vietcong relata “Nós nunca tínhamos tropas divisionárias, mas a infiltração de alguns caras em nossos quadros, criou tremendas dificuldades para nós.” (KARNOW, 1997, p. 616, tradução nossa)

Os Estados Unidos continuaram com suas operações de procurar e destruir, lutando ferozes batalhas para conquistar posições defensivas dos Vietcong e, logo em seguida, abandonar a posição devido à ausência de grande valor estratégico e impossibilidade de mantê-la. Uma dessas posições de duvidoso valor estratégico foi o cume da montanha Apbia, alvo na batalha de *Hamburger Hill*, cujo nome foi dado em analogia a quantidade de “carne” americana enterrada. (KARNOW, 1997, p. 613) e (MAGNOLI, 2006, p. 413).

No final de 1969, Ho Chi Minh deixou de trabalhar por problemas de saúde, até sofrer um ataque cardíaco em setembro de 1969. Ho morreu em 2 de setembro com setenta e nove anos sem ver seu sonho de reunificar o Vietnã concluído. Porém, em seu testamento “(...) Ho pedia a intensificação da guerra, ‘até a partida do último americano’”. (KARNOW, 1997, p. 613) e (MAGNOLI, 2006, p. 413).

Nos Estados Unidos a pressão popular relacionada a manifestações contra a guerra, inflamadas pela descoberta dos bombardeios secretos, resultou na decisão do congresso americano de negar o acesso de tropas americanas ao Laos. Assim, a conduta do conselheiro de Segurança Nacional americano Henry Kissinger passou a dar ênfase na “vietnamização” da guerra, ou seja, a capacitação de soldados vietnamitas para substituir os soldados americanos. (KARNOW, 1997, p. 614) e (MAGNOLI, 2006, p. 413).

Por causa desse fator, a Operação Lam Son 719, ficou a cargo das tropas do Vietnã do Sul, que tinha como objetivo cortar a trilha Ho Chi Minh a partir da conquista de Tchepone, uma cidade fronteiriça no Laos. (KARNOW, 1997, p. 644)

Segundo Magnoli, a operação foi uma:

“(...) ofensiva terrestre conduzida por 17 mil soldados do Vietnã do Sul na trilha Ho Chi Minh, em território do Laos, entre fevereiro e abril de 1971. Apesar do apoio aéreo americano, a ação terminou em amarga retirada, após 7.600 baixas sul-vietnamitas, 215 baixas americanas e a perda de mais de 100 helicópteros.” (MAGNOLI, 2006, p. 413)

Karnow ainda argumenta que a operação, além de ser uma falha militar, por não ter destruído a trilha Ho Chi Minh, também demonstrou as profundas deficiências do exército do Vietnã do Sul. Seus oficiais haviam frequentado escolas de formação nos Estados Unidos e recebido assessoramento durante anos, “(...)e ainda assim haviam aprendido pouco.” (KARNOW, 1997, p. 644, tradução nossa)

Percebendo que o Vietnã do Sul não poderia ganhar a guerra sozinho, Kissinger é enviado para iniciar as negociações de paz com o representante comunista Le Duc Tho. Durante várias tentativas, dois aspectos impediram que se chegasse a um acordo: Kissinger exigia a desmobilização das tropas comunistas, enquanto Le Duc Tho exigia o afastamento do presidente do Vietnã do Sul, Van Thieu. (MAGNOLI, 2006, p. 415)

A questão do regresso das tropas comunistas para o norte era vista como uma necessidade por Thieu, pois não acreditava que o Vietcong respeitaria o cessar fogo quando tropas americanas já não estivessem mais presentes, principalmente se permanecessem no território sul vietnamita. (KARNOW, 1997, p. 663).

Para tranquilizar Thieu e avançar nas negociações de paz, o presidente Nixon prometeu que tropas americanas retornariam para reagir a qualquer violação do cessar-fogo. Além disso, uma cláusula do acordo que não permitia o envio de mais armamentos para o Vietnã do sul, pode ser contornada de modo que foi feita a substituição do equivalente a 2 bilhões de dólares em equipamentos, tornando a força aérea do Vietnã do Sul a quarta maior força aérea do mundo. (KARNOW, 1997, p. 663).

Assim, Kissinger e Le Duc Tho renunciam a suas exigências conflituosas para que o Acordo de Paris fosse finalmente firmado entre os Estados Unidos, Vietnã do Sul e Vietnã do Norte em 27 de janeiro de 1973. O acordo então se resumia a um cessar-fogo, a retirada do pessoal americano e a reunificação do Vietnã. (MAGNOLI, 2006, p. 415)

“‘Nós finalmente alcançamos a paz com honra’ disse Nixon.” No fim, o acordo conseguiu encerrar as hostilidades com a proposta de um acordo político para resolver os problemas entre norte e sul. (KARNOW, 1997, p. 669, tradução nossa)

Porém a promessa de Nixon não poderia ser cumprida, pois com o surgimento do escândalo de Watergate:

“(...) o Congresso americano aprovava uma emenda proibindo qualquer novo envolvimento militar no Sudeste Asiático. A decisão desmoralizou as promessas de Nixon a Van Thieu, de reagir pela força a uma eventual violação do cessar-fogo por parte do Vietcong. Menos de um ano e meio depois, forças do Vietnã do Norte entravam vitoriosas em Saigon, encerrando a segunda guerra indochinesa.” (MAGNOLI, 2006, p. 415)

Assim terminou a Guerra do Vietnã. Independentemente do número de baixas de cada lado, do número de batalhas vencidas ou de colinas conquistadas; o Vietnã é reunificado sob o nome de República Socialista do Vietnã.

3 DOCTRINA E PRÁTICA DE CONTRA INSURGÊNCIA

Tendo-se conhecido a história da Guerra do Vietnã, serão abordadas agora as duas estratégias que dividiram espaço durante o conflito: de atrito e de pacificação. O objetivo desse capítulo é analisar como a estratégia de pacificação foi aplicada durante a Guerra do Vietnã, tomando-se por base a doutrina de contra insurgência da época e atual e relacioná-la com a estratégia de atrito. Para isso, conceitos básicos da doutrina de CI, abordados no primeiro capítulo, serão aprofundados e retomados em casos concretos.

Começando com a comparação que Galula faz da guerra assimétrica com a luta de uma mosca e um leão como ilustração, pode-se compreender melhor seu conceito. Em essência, quando uma força menor evita o confronto direto com uma força superior, optando então por eliminar alvos isolados e estruturas logísticas, atacando de direções inesperadas; trata-se de um conflito assimétrico, também chamado de guerra irregular. (NAGL, 2002, pag. 15)

A guerra irregular também pode ser definida como “uma luta violenta entre atores estatais e não estatais, por legitimidade e influência sobre a população relevante”. (FM 3-24, 2014, 1-1)

Retomando a definição de Galula de Guerra Revolucionária, percebe-se que um conflito interno, no qual determinado grupo desafia o poder central utilizando-se da subversão, violência e outros meios que fogem à política, pode-se classificá-lo como um conflito assimétrico, que nesse caso, configura-se também como uma insurgência.

Como foi visto, grupos revolucionários são chamados de insurgentes, enquanto o governo de determinado país que passa por uma insurgência é chamado de contra insurgente (ou contra insurgência). Essa diferenciação é muito importante para destacar as diferentes naturezas entre os atores, da mesma forma que a mosca e o leão.

Vale ainda citar o conceito de guerra de guerrilha cuja origem da palavra provém da rebelião espanhola de 1808 e significa “pequena guerra”. No contexto espanhol, 60.000 homens conseguiram combater 250.000 franceses do exército de Napoleão. Particularmente, o difícil terreno repleto de pântanos, montanhas e florestas da Espanha e o povo que não aceitou se render perante um invasor estrangeiro foram determinantes. (GRIESS, 1985 apud NAGL 2002, p. 16)

A guerrilha é uma ferramenta da insurgência cujo objetivo é a criação do poder militar do insurgente, que precisa ser conquistado passo a passo. No princípio, o foco é a sobrevivência da guerrilha, até ser possível a aquisição de uma base, na qual o governo insurgente poderá se estabelecer, administrar e criar forças regulares. (GALULA, 1964, p. 37)

3.1 CARACTERÍSTICAS DA INSURGÊNCIA

Sendo assim, o insurgente não buscará inicialmente a conquista de territórios ou o ataque direto às forças do Estado, pois sabe que é mais fraco. Por isso, levará a luta para o espectro humano para minar a legitimidade do governo perante a população, e conseqüentemente, seu poder. Por outro lado, o governo contra insurgente buscará manter a legitimidade perante a população como seu objetivo principal. (GALULA, 1964, p. 6) e (FM 3-24, 2014, 1-1)

Para isso, o insurgente inicialmente fará uso de seu principal ativo intangível, o poder ideológico de sua causa, para desafiar a responsabilidade que o governo tem de manter a lei e a ordem nacional. Poderá fazer isso, por meio da subversão ou do uso da violência aberta, para agravar situações sociais que geram o descontentamento da população com a administração atual do Estado, ao passo que traz sua alternativa político-ideológica como solução. (GALULA, 1964, p. 6)

Mao Tse Tung defende a finalidade de agravar determinadas situações sociais para chegar a uma “situação de potencial revolucionário”, que “existe em qualquer país, no qual o governo consistentemente falha em suas obrigações de assegurar, ao menos, o padrão de vida mínimo para a maioria de seus cidadãos” (MAO TSE TUNG traduzido por SAMUEL GRIFFITH, 1965, p. 8)

No caso do Vietnã, os insurgentes não precisaram fazer muito para agravar a situação na qual já se encontravam, pois, a situação de potencial revolucionário já existia. Isso não quer dizer que, ao longo de toda a guerra, não tenham feito uso de sabotagem, corrupção, subversão, assassinatos e terrorismo para minar a legitimidade das ações da força contra insurgente, principalmente dos EUA.

Em contrapartida, o contra insurgente é rico em ativos tangíveis:

Dotado dos privilégios estrangeiros e domésticos normais de um governo estabelecido, ele tem praticamente tudo: reconhecimento diplomático, poder legítimo do executivo, legislativo e judiciário; controle da administração e da polícia; recursos financeiros; recursos industriais e agrícolas; meios de transporte; comunicações; uso e controle dos meios de informação e propaganda; comando das forças armadas e a possibilidade de aumentar seu tamanho. (GALULA, 1964, p. 6, tradução nossa)

Outra grande diferença entre os atores estatais e não estatais é o alto custo que o primeiro tem para a manutenção dos esforços. Por exemplo, quando uma insurgência queima uma fazenda, além do prejuízo daquele fazendeiro, todos os demais vão precisar de um

investimento maior em proteção. Caso contrário, podem se sentir compelidos a buscar proteção com os próprios insurgentes. (GALULA, 1964, p. 20)

Quando isso acontece e a população aceita a proteção dos insurgentes, “como por exemplo os comunistas chineses fizeram no noroeste da China ou o Vietminh em Tonkin”, surge um modelo de comparação que será usado como forma de propaganda para promover o sucesso das ações do insurgente em relação ao fracasso das ações do governo. (GALULA, 1964, p. 21, tradução nossa)

Outra característica inerente ao insurgente é a sua fluidez decorrente de sua ausência de responsabilidades, perante a população ou de ativos tangíveis, além de não estar amarrada à nenhuma lei, uma vez que sua natureza já é ilegal. O contra insurgente é rígido, pois possui diversas responsabilidades perante a população, possui vários ativos tangíveis dos quais precisa extrair toda sua capacidade e precisa agir dentro da lei. (GALULA, 1964, p. 21)

São essas características que vão definir a forma e intensidade dos esforços para conquistar o “centro de gravidade” de uma guerra revolucionária: a população. Sendo assim, a natureza das operações de ambos os lados é principalmente de natureza política, ao mesmo tempo que políticas são usadas como instrumentos ativos de operação. Formando assim uma relação indissociável entre ações militares e seus efeitos políticos e vice-versa. (GALULA, 1964, p. 7)

Historicamente, a relevância da população para o resultado dos conflitos armados tomou novo grau de importância a partir de Napoleão, que revolucionou a forma de se fazer a guerra ao “incluir toda a sociedade na trindade ‘povo, exército e governo’ relacionadas às forças cegas da natureza: violência primitiva, ódio e inimizade”. (NAGL, 2002, pag. 16, tradução nossa)

Assim surge o conceito de Guerra Revolucionária no contexto da Revolução Francesa, que compartilha diversas semelhanças com as guerras revolucionárias do século XX. Sob esta ótica, Clausewitz compara o verdadeiro poder do povo com brasa fumegante:

Consumem os fundamentos básicos das forças inimigas. Como precisa de tempo para ser eficaz, um estado de tensão se desenvolverá enquanto os dois elementos interagem. Esta tensão irá gradualmente relaxar se a insurgência for reprimida em alguns lugares e lentamente se extingue em outros, ou então se transformará em uma crise: uma conflagração geral se aproxima do inimigo, levando-o para fora do país antes que ele se depare com total destruição. (Clausewitz, 1832, p. 479 **apud** NAGL)

Assim, ao estudar a guerra convencional inspirada por ideais revolucionários, Clausewitz compreendeu que o poder de Napoleão residia de fato em seu povo e em seu

governo, pois utilizava seus sentimentos, aspirações e a energia do povo em benefício do Estado. (CLAUSEWITZ, 1832 apud NAGL, 2002, pag. 19)

Depois de Napoleão e Clausewitz, a maior revolução na arte da guerra é a compreensão feita por Mao Tse Tung de uma relação ainda mais próxima do povo, exército e governo. Nesse novo conceito, a população possui um papel decisivo em envolver o inimigo, permitindo que o exército e o governo sejam agora parte da população, “vivendo entre ela para atacar o inimigo e retornar para a cobertura provida pela própria população”. (NAGL, 2002, pg. 42)

Uma vez compreendida a natureza do conflito existente, suas características e o principal objetivo (o centro de gravidade); é necessário compreender qual a estratégia que a força insurgente empregará para conquistar o apoio da população. Insurgentes podem usar diferentes aproximações para atingir esse objetivo, como a aproximação urbana, militar, prolongada e/ou subversiva. (FM 3-24, 2014, 4-8)

3.2 GUERRA PROLONGADA

Apesar de coexistirem as diferentes formas de aproximação durante a Guerra do Vietnã, após estudar a história do conflito fica evidente que a aproximação prolongada foi a abordagem predominante. Como o próprio General Giap comentou após a guerra “Nós não éramos fortes o suficiente para tirar meio milhão de americanos do Vietnã, mas esse não era nosso alvo. Nós procuramos quebrar à vontade do governo americano continuar o conflito” (KARNOW, 1997, p. 20, tradução nossa)

Segundo o Manual de Contra Insurgência 3-24 dos EUA, uma abordagem prolongada é baseada na teoria de Mao Tse Tung da Guerra Popular Prolongada que “procura prolongar o conflito o tanto quanto necessário para reunir recursos e forças necessários para desgastar as forças contra insurgentes e sua liderança política.” (2014, 4-8, tradução nossa)

Mao descreve em seu livro “Sobre a Guerra de Guerrilha” as três fases para a condução de uma guerra de libertação nacional. Na primeira fase a preocupação é a organização, consolidação e preservação; portanto as operações militares são limitadas e esporádicas. (NAGL, 2002, pag. 23)

A segunda fase trata da progressiva expansão das forças revolucionárias para atacar posto avançados inimigos e patrulhas isoladas. Essas ações têm como objetivo diminuir a fé da população no governo, ao mesmo tempo que captura armamentos, munições e suprimentos para a causa. Na fase final, os guerrilheiros transformam-se em forças militares convencionais

capazes de derrotar as forças regulares em batalhas abertas, consolidando a destruição do inimigo. (NAGL, 2002, pag. 23)

No campo político-ideológico, Ho Chi Minh soube explorar a situação precária na qual o Neocolonialismo francês estava deixando a região da Indochina para unir a população por um ideal nacionalista anti-imperialista. A chegada do Japão à região em 1940, serviu para inflamar os ânimos, pois derrubou a ideia de invencibilidade francesa. (KARNOW, 1997, p.20)

Ho Chi Minh criou o Partido Comunista da Indochina, em Hong Kong no ano de 1929 e em 1940 reuniu-se com outros comunistas na resistência nacionalista chamada Liga Revolucionária para a Independência do Vietnã (Vietminh), sob a bandeira do combate ao “fascismo francês e japonês”. (MAGNOLI, 2006, p. 394)

Ho Chi Minh acreditava que “as ações políticas precisam anteceder as ações militares” e por isso, necessitava de bases invioláveis, antes de começar a luta armada. Ele selecionou a porção norte do Vietnã por sua proximidade com a China, por onde agentes e armas poderiam ser movidas facilmente, juntamente com a segurança promovida pelo terreno de selvas, montanhas e vales escondidos. (KARNOW, 1997, p. 157)

Após a 2ª Guerra Mundial, a França precisava de apoio internacional para retomar suas posses na Indochina. Conforme foi visto no segundo capítulo, já existia um sentimento de nacionalismo e de luta pela independência do Vietnã cujos primeiros registros históricos remontam ao século III a.c.; contando inclusive com antigos heróis de grandes feitos contra seus invasores. Por isso, viam as invasões francesas e americanas apenas como mais um capítulo em sua história. (KARNOW, 1997, p.20)

Portanto, apesar da origem e dos ideais comunistas, maior força ideológica utilizada pelo Vietminh foi o nacionalismo. Conforme uma análise de Alain Enthoven, assistente sênior do secretário de defesa dos EUA McNamara, na qual ele afirma que “A verdadeira força confrontando os Estados Unidos no Vietnã, é menos comunista do que a mais forte força política existente no mundo hoje – o nacionalismo”. (KARNOW, 1997, 518)

Porém, no contexto de Guerra Fria, a preocupação dos Estados Unidos sempre foi com a expansão do comunismo, particularmente em impedir a realização da chamada teoria do dominó, após a queda da China de Chiang Kai Shek. Por isso, se envolveu criou o *Military Assistance Advisory Group* para estruturar o Exército da República do Vietnã do Sul.

Os conselheiros do MAAG foram contrários à proposta do governo vietnamita em criar unidades regionais para a defesa interna porque elas não possuíam mobilidade estratégica. Essa atitude não levou em consideração que durante a primeira guerra da Indochina os franceses possuíam meios de transporte como caminhões, tanques, helicópteros e aviões; mas não

conseguiam acompanhar a mobilidade do Vietminh indetectável através da selva. (NAGL, 2002, p. 119)

Outra decisão alinhada com a condução de um conflito convencional de grandes proporções foi encontrada nas notas do General Westmoreland

(...) no final de 1954, com a invasão da Coreia ainda fresca na mente, o pensamento do Pentágono foi de criar um exército sul vietnamita capaz de resistir a uma invasão longa suficientes para permitir que forças internacionais intervissem para conter a agressão. Isso levou inevitavelmente a criação de uma força convencional organizada em divisões e corpos de exército. (WESTMORELAND apud NAGL, 2002. P. 120)

Conforme foi visto no capítulo anterior, a história da guerra mostrou que possuir mobilidade e uma organização robusta para atacar e conquistar posições que não poderiam ser mantidas só tinha valor para neutralizar grandes efetivos. Principalmente quando alinhado a uma contagem de corpos dentro da estratégia de atrito.

3.3 CONTRA INSURGÊNCIA NO VIETNÃ

Acontece que em 1959, o Comitê Presidencial para o Estudo do Programa de Assistência Militar dos Estados Unidos encontrou a premissa de que “combater insurgentes era uma ‘capacidade inferior incluída’ em combater uma guerra convencional”. Ou seja, partia-se do princípio de que o soldado americano já estava naturalmente capacitado a combater guerrilhas, isso tudo em um contexto de guerra revolucionária onde o apoio da população é determinante. (NAGL, 2002, p. 122, tradução nossa)

Segundo o Comitê, a premissa não é válida, pois o combate contra outra força militar implica sacrificar determinadas capacidades de combate a agressões internas. Diferente de agressões externas que requerem a concentração de tropas pesadas, as agressões internas requerem pequenas forças espalhadas, com diferentes armas, sistemas de comando, comunicação e logística. (TILLSON apud NAGL, 2002, p. 122)

Ao tentar estruturar as *agroville* no chamado programa de pacificação, o exército foi incapaz de compreender as características de um conflito assimétrico, por isso negligenciou fatores econômicos, sociais e tradicionais. Permitindo também que a corrupção deixasse a população sem pesticidas, arroz e fertilizantes. (NAGL, 2002, p. 150 e KARNOW, 1997, p. 147)

Apesar das lições aprendidas com o fracasso das *agroville*, o presidente Kennedy incentivou as estratégias de contra insurgência como o *Strategic Hamlet*, porém não foi efetivo

em provocar as mudanças necessárias no Exército para que se compreendesse a natureza da guerra de guerrilha. A preocupação foi com a organização tática, equipamentos e doutrina, sem antes identificar os verdadeiros objetivos que comandariam o centro de gravidade das operações. (DOUGHTY apud NAGL, 2002, p. 126)

Kennedy também esperava que novas táticas militares teriam que ser desenvolvidas pelas forças especiais, ao passo que, “novas táticas políticas também teriam que ser desenvolvidas, e acima de tudo, as duas – militar e política - teriam que ser misturadas”. A ideia de Kennedy está de acordo com os princípios de contra insurgência atuais, porém a visão dos generais na época compreendia o problema como essencialmente militar. (NAGL, 2002, p. 127, tradução nossa)

KREPINEVICH aponta que fatores não militares como a familiarização dos soldados com o povo, cultura e geografia da região eram indispensáveis para o sucesso do programa de contra insurgência. A experiência adquirida promoveria não só o conhecimento do terreno, mas também das pessoas da vila, permitindo-os patrulhar efetivamente ao passo que mantinham boas relações com a população de determinada vila. (1986, p. 205)

Além disso, o ano que um conselheiro permanecia em uma vila não era o suficiente para dar a continuidade necessária para o programa. O tempo era necessário para que o militar demonstrasse sua habilidade, obtivesse confiança e criasse um vínculo com a unidade. Além do pouco tempo, a falta de treinamento adequando no idioma local e em operações de contra insurgência provocava uma séria deficiência para o conselheiro. (KREPINEVICH, 1986, p. 209)

Porém, a experiência DO General Westmoreland na qual dois regimentos vietcong derrotaram unidades engajadas em operações de pacificação, criou um trauma que o fez evitar a divisão qualquer força americana para participar dessas operações, temendo que o incidente acontecesse de novo. (KREPINEVICH, 1986, p. 166)

O problema foi que, ao insistir na estratégia de atrito procurando engajar grandes unidades inimigas, por causa da sua flexibilidade e mobilidade, essas unidades dificilmente seriam obrigadas a lutar enquanto poderiam levar a insurgência normalmente. Por outro lado, “diferente de guerrilhas, se nós evitarmos batalhas nunca vamos vencer. Nós nunca vamos destruir as grandes unidades deixando-as sozinhas”. (KREPINEVICH, 1986, p. 166, tradução nossa)

Mesmo quando posições consideradas cheias de Vietcongs eram encontradas, o tradicional emprego do ataque aéreo ou o bombardeio de artilharia antes da chegada das tropas,

eliminava qualquer fator surpresa. Quem pagava o preço eram as mulheres, crianças e pessoas idosas. (KREPINEVICH apud NAGL, 2002, p. 135)

3.4 O EFEITO COLATERAL DO ATRITO

Como foi visto durante boa parte da história da guerra, os bombardeios não eram exclusividade de aldeias suspeitas. A operação *Rolling Storm* procurava destruir instalações logísticas como depósitos de petróleo, estradas de ferro e pontes, mas não conseguia impedir a chegada de suprimentos ao sul pela trilha Ho Chi Minh. (KARNOW, 1997, p. 413)

Entretanto, bombas de fósforo branco, Napalm e cluster também foram responsáveis pela morte de milhares de civis, conforme o General Harold K. Johnson, chefe do Estado Maior atribuiu as casualidades à uma falta de inteligência precisa. “Nós não tínhamos informação suficiente” ele disse. ‘Agimos com crueldade, como um rolo compressor’”. (KARNOW, 1997. P. 452)

O uso indiscriminado de bombas e desfolhantes levaram muitos aldeões a abandonar suas vilas em direção a cidades, gerando um fluxo de refugiados. Na verdade, segundo KARNOW:

Westmoreland acreditava que o fluxo de civis para as cidades iria gerar uma “urbanização forçada”, negando pessoas para os Vietcong. “Westmoreland acreditava nisso, assim como seu deputado civil responsável pela ‘pacificação’, Robert Komer, que afirmou que o ‘processo de degradação’ do inimigo seria acelerado pela redução de sua ‘base populacional’ (...). (KARNOW, 1997, p. 454, tradução nossa).

Esse fenômeno foi observado em 1967, na operação Cedar Fakks, na província de Binh Duong, na qual a região foi bombardeada e teve seus campos de arroz desfolhados, para então ser varrida pela infantaria juntamente com tanques e escavadeiras (para destruir tuneis e bunkers). O resultado foi o êxodo de 7 mil pessoas ao passo que o Vietcong retornou, mas os refugiados sem suas fazendas não tinham como voltar. (KARNOW, 1997, p. 455)

Foi inevitável o agravamento da instabilidade social no Vietnã do Sul, pois a estrutura social tradicional já abalada, observou suas crianças tentadas pelo estilo de vida americano vislumbrarem uma vida de riqueza fácil. Juntamente com o surgimento de bares, clubes noturnos e “casas de massagem”; o tráfico de drogas aumentou muito nas cidades. (KARNOW, 1997, p. 455, tradução nossa)

Ao priorizar-se operações de buscar e destruir e de bombardeios, ao passo que programas de pacificação foram negligenciados, o impacto sofrido pela população e a

legitimidade que se conseguiu é claramente negativo. No fim das contas, as vitórias conquistadas nas batalhas pouco significavam para o aldeão que sofria com a guerrilha, com os bombardeios, com as abordagens nas incursões.

Fica claro que a estratégia de atrito compete por espaço com a estratégia de pacificação, pois toda ação militar tem consequências políticas que vão impactar a população. E apesar da Guerra do Vietnã ter sido um conflito majoritariamente convencional, fruto do foco em uma estratégia de atrito e do envio de grandes contingentes, a sua natureza, era em essência, de uma guerra revolucionária, desde o princípio.

Porém, ainda existe um dilema: as operações de contra insurgência geralmente precisam de grandes efetivos para garantir a segurança de determinado povoado ou cidade. E se não houver alguma ameaça às tropas comunistas, estas podem facilmente cercar e atacar essas forças de pacificação, principalmente se estiverem isoladas no interior do país. Então é necessário encontrar uma forma de lidar tanto com o Vietcong, como com o Exército do Vietnã do Norte no interior do país, até as regiões mais remotas de suas fronteiras.

4 ESTUDO DE CASO: CIVILIAN IRREGULAR DEFENSE GROUPS

Este capítulo tem por objetivo fazer o estudo de caso do programa de contra insurgência conhecido como Civilian Irregular Defense Group. O CIDG foi uma iniciativa criada pela CIA em conjunto com as forças especiais do Exército dos Estados Unidos para abordar, treinar, organizar e empregar aldeias indígenas em operações contra a guerrilha vietcong.

Para isso, neste capítulo será estudado como o programa foi criado, suas características, sua evolução e oportunidades de melhoria que poderiam ter impactado significativamente no resultado da Guerra. Seu surgimento tinha a finalidade de coletar informações de atividades vietcong nas regiões fronteiriças de selva densa do Vietnã do Sul, ao passo que avaliaria a possibilidade de desenvolver o potencial paramilitar de grupos minoritários específicos. (PIASECKI, 2009, p. 21)

4.1 OS MONTAGNARD

Esses grupos minoritários, conhecidos como Montagnard são na realidade diversas etnias descendentes de civilizações, que inicialmente, ocupavam as planícies costeiras férteis e ao longo do tempo foram sendo levadas para o interior do Vietnã com as sucessivas ondas de imigração vindas do Norte. Essa migração para o interior é a raiz de um relacionamento hostil desses povos com a etnia vietnamita (majoritária) que ocupa o litoral e o delta dos rios Mekong e Vermelho. (KIRKLAND, 2000, p. 548)

A região que ocupam desde as migrações, denomina-se planalto central do Vietnã, região importante que possui valor militar estratégico sobre o delta do rio Mekong ao sul, as terras produtoras de arroz ao leste e a ligação com as rotas de infiltração e ressuprimento vindas do Vietnã do Norte, Laos e Camboja. (PIASECKI, 2009, p. 21)

A maioria dos vietnamitas, tanto do Norte como do Sul, considerava os homens das tribos como “selvagens”. Isso se deve, em parte, ao fato de que o estilo de vida de um Montagnard pode ser descrito como “quase Neolítico”. Sua subsistência provém da pesca, cultivo do arroz e criação de animais. Suas ferramentas, roupas e moveis eram de origem natural e não tinham acesso à eletricidade, rádio, água corrente, escrita ou a veículos motorizados. (CLARKE, 1988, p. 71) e (KIRKLAND, 2000, p. 548)

O Vietnã possuía entre 600.000 e 1.000.000 aldeões dos chamados Montagnard que estavam espalhados em centenas de aldeias. A aldeia escolhida para iniciar o projeto foi Buon

Enao, povoada por mais de 400 homens da tribo Rhade, por conta de ser considerada socialmente mais avançada e já ter tido uma experiência nos corpos expedicionários franceses. (PIASECKI, 2009, p. 21)

4.2 O INÍCIO DO CIDG

O contato inicial dos militares americanos com a tribo foi feito por dois homens, um oficial do International Volunteer Services (IVS) chamado David A. Nuttle e um Sargento médico das forças especiais chamado Paul F. Campbell, em dezembro de 1961. Ambos operavam disfarçados no contexto de uma operação da CIA que tinha como cobertura um projeto de melhorar a agricultura no planalto central do Vietnã do Sul. (PIASECKI, 2009, p. 20)

Conforme o relato de Campbell em sua primeira reunião com os habitantes mais idosos, é possível identificar elementos importantes relacionados a doutrina de contra insurgência discutida no terceiro capítulo:

Nuttle explicou que o projeto procurava melhorar a vida dos Montagnard, a agricultura e as condições médicas. O conceito era ir para uma vila como Buon Enao, ensinar as pessoas a colocar algum tipo de defesa ao redor da vila para manter todo mundo fora, não só o vietcong, mas também o exército do Vietnã do Norte.” Isso seria “uma demonstração de força” com os aldeões agindo como uma guarda nacional ou uma força de autodefesa. (PIASECKI, 2009, p. 24, tradução nossa)

Com a aceitação de Buon Enao, a missão de criar o Village Defense Group (precursor do CIDG) foi designada ao Cap Shackelton do destacamento A-113 do 1º Grupo de Forças Especiais em Okinawa. O resultado, desde a chegada de 8 homens à vila de Buon Enao em fevereiro de 1962, até agosto do mesmo ano, obteve-se o excepcional número de “(...) mais de 200 vilas Montagnard da província Darlac, protegidas por uma milícia local de defensores de vilas, com uma força de ataque móvel de 1.500 homens.” (PIASECKI, 2009, p. 21, tradução nossa)

Com a orientação dos militares americanos, os próprios aldeões construíram abrigos, centros de treinamento e até clínicas médicas para proteger os mais vulneráveis dos ataques vietcongs. Também estabeleceram redes de inteligência para identificar a movimentação inimiga e servir como forma de alarme contra possíveis ataques. Enquanto isso, os arredores eram delimitados por arame farpado e preenchidos com minas Claymore e barris de explosivos de modo a canalizar os inimigos para a mira das metralhadoras. (PIASECKI, 2009, p. 24) e (DENÉCÉ, 2013, p. 329)

De forma geral, a partir desses campos os Boinas Verdes (forças especiais dos EUA) lançavam patrulhas agressivas para rastrear a área e ameaçar a presença vietcong, obrigando-os a empregar efetivos nesta área e assim aliviar a pressão no resto do país. Também havia o ganho político e psicológico: os campos do CIDG eram locais inalcançáveis para a propaganda subversiva comunista. (DENÉCÉ, 2013, p. 329)

4.3 REDES SOCIAIS TRADICIONAIS E A GUERRA IRREGULAR

Além de se tratar de quase um milhão de habitantes locais em uma área de interesse político e militar, o povo que a ocupava possuía características especialmente relacionadas à condução de uma insurgência (ou contra insurgência). Porque, de acordo com o Manual de Contra Insurgência do Exército dos Estados Unidos:

Uma sociedade tribal já possui redes sociais, econômicas e militares facilmente adaptáveis à guerra. As formas nas quais as insurgências exploram uma rede tribal não representa uma forma evoluída de insurgência, mas a expressão cultural e de costumes sociais inerente àquele grupo. A dinâmica social que sustenta a continuação dos combates é melhor entendido quando considerado em termos tribais – em particular, da perspectiva de uma sociedade tradicionalmente interligada. É a rede tribal tradicional que oferece aos rebeldes e insurgentes uma infraestrutura insurrecional no qual se desenhar. (FM 3-21 COUNTERINSURGENCY **apud** LITCHFIELD, 2010, p. 15, tradução nossa)

Dentre as **características únicas de uma rede social tradicional**, constata-se que conhecem a cultura, terreno, povo, idioma e os problemas locais melhor que ninguém. Além disso, possuem relacionamentos que os permite um nível de compreensão situacional e liberdade de movimento inigualável. São flexíveis e criativos por não estarem presos há um sistema doutrinário, político ou procedimental; além de aceitar maiores riscos em abordagens não convencionais para problemas táticos. (LITCHFIELD, 2010, p. 17)

Há um último aspecto relacionado à motivação dos indígenas para o combate: estão interessados diretamente no resultado da guerra, pois estão defendendo suas próprias vilas e famílias. “Portanto, eles frequentemente irão provar ter uma dedicação muito maior que soldados conscritos ou profissionais pagos para servir em um conflito com os quais podem sentir pouca conexão pessoal.” (LITCHFIELD, 2010, p. 17, tradução nossa)

4.4 MUDANÇAS NO PROGRAMA

Essa primeira fase do programa estava sendo conduzido pelo 1º Grupo de Forças Especiais, sob o comando da CIA, porém logo após a surpreendente expansão inicial, houve algumas mudanças. Inicialmente, foi expandido a nível nacional e mudou seu nome de Village Defense Program para Civilian Irregular Defense Group. (PIASECKI, 2009, p. 25)

Posteriormente, em 23 de julho de 1962, a Operação SWITCHBACK passou o comando de todas as operações paramilitares da CIA para o Military Assistance Command – Vietnam (MACV). O significado dessa mudança aparentemente burocrática traria grandes consequências para o CIDG. (LITCHFIELD, 2010, p. 33)

Em 1963 foi incorporado ao programa Strategic Hamlet, cujas deficiências já foram abordadas no capítulo anterior. O programa também era conduzido por tropas das forças especiais do Vietnã do Sul, cujos soldados possuíam a notória inimizade cultural com as tribos montanheseas. (LITCHFIELD, 2010, p. 33)

A Operação SWITCHBACK também iniciou a desmobilização dos elementos de ataque do CIDG para formar as Mobile Strike Force (ou Mike Force), unidades de intervenção rápida que reuniam a elite dos integrantes do CIDG. Essas unidades passaram o restante da guerra conduzindo operações de reconhecimento e *raids* contra bases do vietcong na região de fronteira. (LITCHFIELD, 2010, p. 33) e (DENÉCÉ, 2013, p. 134)

O restante do CIDG foi integrado às forças auxiliares nacionais onde rapidamente se tornaram ineficientes em função da grande desconfiança e mal gerenciamento do Vietnã do Sul. (LITCHFIELD, 2010, p. 33)

Essas modificações operacionais e o mal tratamento por parte das autoridades vietnamitas para os indígenas, culminariam em revoltas que quase acabaram com o CIDG. Além de resultar no “(...) fracasso eventual da campanha de pacificação no planalto que as forças especiais haviam conduzido com sucesso sob os auspícios da CIA de 1961 a 1963”. (KELLY, 2004, p. 64 **apud** PIASECKI, 2009, p. 25) e (LITCHFIELD, 2010, p. 33, tradução nossa)

“Durante essa transição, o MACV percebeu que CIDG liderados por tropas forças especiais eram altamente habilidosas em coletar inteligência, encontrar e fixar forças inimigas, e poderiam engajar o inimigo por conta própria.” Porém, essa capacidade criou o seguinte dilema: dividir seus esforços entre coletar informações e expandir o programa ou usar as Mobile Strike Forces para engajar o inimigo. (KELLY, 2004, p. 81 **apud** PIASECKI, 2009, p. 25)

Os Estados Unidos preferiram partir para o engajamento mais convencional e deixar a conquista do apoio da população de lado. Westmoreland, comandante do MACV afirma que até a chegada de maiores efetivos, as “Forças Especiais e irregulares deveriam assumir um papel ofensivo com a missão de se tornar caçadores e encontrar e destruir o inimigo” (PIASECKI, 2009, p. 26)

Por um lado, as Mike Force tiveram um papel importante em operações aeromóveis como nas incursões contra bases vietcongs e resgate de pilotos abatidos. Porém a situação de hostilidade entre Montagnard e vietnamitas crescia dentro das vilas. O ressurgimento de um movimento separatista indígena chamado Front Unifie de la Lutte des Races Opprimees (FULRO) aumentou a tensão entre os povos. (CLARKE, 1988, p. 73)

No dia 29 de julho de 1965, tropas do FULRO tomaram um campo do CIDG em Buon Brieng, retirando-se vários dias depois juntamente com 176 homens do CIDG. Com a chegada de elementos da 23ª Divisão Sul Vietnamita o campo foi retomado e seus membros forçados a fazer parte da Força Regional Local, aumentando ainda mais as tensões. (CLARKE, 1988, p. 73)

Em dezembro, uma série de ataques coordenados por parte do FULRO deixou 32 soldados sul vietnamitas mortos antes de reestabelecida a ordem. “Saigon prendeu 92 membros suspeitos na cidade de Pleiku, dos quais a maioria recebeu ações disciplinares menores, vários foram presos e 4 sentenciados à morte e executados.” Foi necessária a ação dos EUA para apaziguar a situação e evitar futuras revoltas. (CLARKE, 1988, p. 73)

Apesar da situação de descontentamento dentro dos campos do CIDG, KREPINEVICH considera que as Strike Force se mostraram uma iniciativa bem-sucedida por pressionar o inimigo e mantê-lo desequilibrado. “Através de suas operações de guerra não convencional, equipes de ataque performaram o papel de uma **economia de forças** útil que liberou grandes unidades convencionais para missões de segurança da população.” (1986, p. 231, tradução nossa)

O CIDG também havia voltado a se expandir, tendo aberto 22 novos campos no ano de 1966 e aumentado o número de pelotões de reconhecimento de combate de 33 para 77. Para acompanhar o crescimento, o MACV ordenou ao 5º Special Force Group a criar a escola Recondo em Nha Trang para treinar os soldados, forças especiais que chegavam e tropas convencionais que executavam patrulhas de longo alcance. (PIASECKI, 2009, p. 26)

4.5 A 4ª DIVISÃO DE INFANTARIA E O CIDG

Com o emprego o redirecionamento das forças especiais para missões de ações diretas na fronteira, outras áreas de responsabilidades foram assumidas por unidades convencionais do exército americano. Os campos na província de Pleiku ficou a cargo da 4ª Divisão de Infantaria, comandada pelo Major-General William F. Peers em 1967. (KIRKLAND, 2000, p. 550)

Tendo em vista que Saigon não fazia jus à uma legitimidade bem fundamentada, “e era na realidade um artefato da política americana” foi necessário buscar uma abordagem para conquistar o apoio dessa população. Assim, Peers ordenou a formação de Equipes de Ação Cívico Militar para demonstrar que Saigon e os EUA estavam preocupados com os civis sob sua responsabilidade. (KIRKLAND, 2000, p. 548, tradução nossa)

Entretanto, "O exército queria um pagamento rápido por seu investimento no programa de ação cívica, e uma política não oficial emergiu: Nós vamos tratar suas crianças doentes se você nos disser onde os vietcong estão." A consequência dessa abordagem foi que os Montagnard diziam algo relativamente vago para que fossem atendidos, mas que não os comprometessem de qualquer forma. (KIRKLAND, 2000, p. 550, tradução nossa)

Esse comportamento, fruto de uma expectativa de resultados imediatista, estava preocupado apenas com os próximos objetivos militares, ignorando os fatores políticos de longo prazo necessários em uma estratégia de contra insurgência. Algo que não é surpreendente, tendo em vista o foco em operações convencionais de buscar e destruir, dentro de uma estratégia de atrito, conforme foi visto ao longo da história.

Essa política só foi modificada no final de 1967, quando a abordagem passou a buscar realmente apoiar as vilas sob suas responsabilidades sem esperar nada em troca. Assim foi possível iniciar um relacionamento de confiança com os Montagnard, ao ponto de se organizar reuniões nas quais diversas vilas se reuniam para discutir problemas, além se proporcionar um banquete, entretenimento e jogos. (KIRKLAND, 2000, p. 550)

Quando os problemas começaram a ser discutidos, viu-se as consequências do tratamento hostil dispensado por oficiais do governo vietnamita, como no caso da província cujo chefe se negava a construir uma escola para as 32 vilas Montagnard, enquanto as outras 3 vilas vietnamitas, já possuíam 2. Um problema de fácil solução imediata, mas que o chefe da província se recusava em atender em razão de suas raízes de hostilidade secular entre os dois povos. (KIRKLAND, 2000, p. 552)

Em outro caso, uma manobra militar exigiu a evacuação de 8.000 aldeões das tribos no vale La Drang entre Pleiku e a fronteira com o Camboja para permitir o uso de pleno poder

de fogo. Porém, como a evacuação ficou a cargo do Exército do Vietnã do Sul, as casas que ficaram para trás foram queimadas e todos os 8.000 Montagnard que viviam na área foram concentrados em Edap Enang, um enorme campo de assentamento que não tinha capacidade de prover subsistência. Sem condições de sobreviver, muitos voltaram para suas antigas aldeias destruídas apesar do risco. (KIRKLAND, 2000, p. 554)

Os campos do CIDG na região da 4ª DE também tinham a presença de equipes táticas que proviam sua segurança. Porém essas equipes não passavam a noite no campo, dando acesso livre aos vietcong e ao exército do Vietnã do Norte. Sem a proteção militar, o vietcong passou a visitar as aldeias e, posteriormente, sequestrar e aterrorizar os chefes das vilas durante a noite. (KIRKLAND, 2000, p. 554)

Mesmo com esses problemas, após analisar o emprego do programa de ação cívica por uma perspectiva totalmente militar, KIRKLAND considera-o um exemplo de sucesso na relação intercultural pois essas equipes mantiveram a iniciativa com os chefes das tribos, conseguindo atingir os objetivos definidos. A comunicação direta no idioma francês e a segurança das equipes também foram fatores positivos. (2000, p. 557)

Porém, analisando por uma perspectiva mais ampla, KIRKLAND identifica 3 falhas. Em primeiro lugar, não foi possível aproximar os Montagnard do governo do Vietnã e não há nada que poderia mudar séculos de hostilidades. E “ao tratar os Montagnard com respeito e protegendo-os dos abusos dos vietnamitas, os americanos apenas intensificaram a antipatia entre eles.” (KIRKLAND, 2000, p. 557)

A segunda falha é que o programa não teve valor no longo prazo. Como por exemplo: após a ofensiva do Tet a 4ª divisão de infantaria foi retirada do planalto central, deixando o programa nas mãos do Exército do Vietnã do Sul. Como resultado, até 1972 a antiga base da divisão já havia sido transformada em um enorme campo de concentração para os Montagnard. (KIRKLAND, 2000, p. 557)

Em terceiro lugar, o programa em essência buscou manipular um povo vulnerável para alcançar os objetivos políticos dos EUA, e o preço foi a integridade do próprio Estados Unidos. Dentre esses objetivos, relacionado ao contexto de guerra fria estava a manutenção de uma democracia liberal estável para impedir a expansão do comunismo. (KIRKLAND, 2000, p. 557)

Os Estados Unidos procuraram criar uma democracia liberal aos moldes americanos para alcançar a estabilidade, porém essa premissa pode estar equivocada. LITCHFIELD argumenta que o crescimento de uma democracia liberal aos moldes do ocidente é o resultado de uma evolução social de forma ordenada, e não um precursor. (2010, pag. 5)

4.6 A ABORDAGEM IRREGULAR

Países em desenvolvimento tendem a manter a ordem social existente baseada em afiliações étnicas ou tribais, crenças religiosas e em tradições; inclusive na ausência de governos. Então, ao mesmo tempo em que se pode ter um governo central que busca garantir a ordem nacional, pode-se também buscar garantir a estabilidade (principalmente de regiões remotas) a partir das estruturas sociais tradicionais dessas tribos. (LITCHFIELD, 2010, p. 9)

Para atingir a estabilidade, KREPINEVICH argumenta que:

(...) se o Exército tivesse adotado uma abordagem geral de pacificação no Vietnã com forças convencionais conduzindo a segurança nos maiores centros populacionais, os forças especiais com indígenas, elementos não convencionais poderiam efetivamente ter perseguido e despedaçado as principais forças inimigas na área rural, facilitando o esforço de pacificação ao prover avisos prévios de qualquer aproximação do inimigo. (KREPINEVICH, 1986, p. 232, tradução nossa)

A solução proposta por Krepinevich tem enfoque na estratégia de contra insurgência, com forças convencionais conduzindo operações de contra insurgência nos maiores centros populacionais enquanto as áreas remotas são deixadas a cargo das forças especiais para a condução de operações não convencionais. Essa divisão é importante pois, segundo LICHFIELD, não é interessante ter forças não convencionais operando no mesmo espaço que forças convencionais. (2010, p. 41)

Segundo o autor “uma vez que forças especiais e forças convencionais operam no mesmo espaço, a fricção entre as metodologias geralmente resulta nas forças especiais lentamente adotando uma abordagem mais convencional para suas abordagens”. Isso quer dizer que elas passam a realizar mais operações de reconhecimento especiais e *raids* e deixam de focar em ações indiretas. Exatamente o dilema visto quando o CIDG passou a empregar as Mike Force em operações convencionais. (LICHFIELD, 2010, p. 41)

A abordagem não convencional conduzida pelas forças especiais defendida por Krepinevich tem como princípio dois fatores fundamentais. O primeiro diz respeito à população e ao ambiente operacional: tribos indígenas e “(...) forças de segurança irregulares são fontes críticas de inteligência, apoio político e segurança para governos procurando por estabilidade e legitimidade durante uma insurgência.” (LITCHFIELD, 2010, p. ix, tradução nossa)

Esse primeiro fator já foi abordado durante o trabalho, seja no tocante as características dos Montagnard e sua inerente predisposição para a insurgência descritos no começo do capítulo; ou ao ambiente operacional de caráter revolucionário, seu terreno, vegetação, dentre

outros aspectos abordados na história e na comparação entre as estratégias de atrito e pacificação.

O segundo fator fundamental diz respeito às capacidades que diferenciam as forças especiais para esse trabalho. Para LITCHFIELD:

Forças especiais são unicamente qualificadas para alavancar redes sociais tradicionais e empregar forças de segurança irregular durante uma contra insurgência devido ao seu treinamento único, organização e experiência em sua principal missão de guerra irregular. (LITCHFIELD, 2010, p. IX, tradução nossa)

Esta afirmação parte da missão primária das forças especiais de conduzir operações de guerra irregular, geralmente envolvendo a criação de insurgências, e, portanto, pode ser a unidade mais qualificada para combatê-las. Essa capacidade também agrega duas utilidades estratégicas: a economia de forças e a expansão das escolhas. (LITCHFIELD, 2010, p. 5)

A economia de forças é intuitivamente um fator importante em qualquer guerra, mas David Kilcullen traz um novo parâmetro para se analisar esse fator em uma situação de guerra irregular. Ele afirma que de 50.000 soldados empreendidos em operações de segurança, apenas 10.000 deles estão efetivamente empregados em operações ativas pois o restante será necessário para fornecer toda a estrutura administrativa, logística e o tempo de arejamento necessário. (LITCHFIELD, 2010, p. 47)

Por outro lado, em uma força irregular de 50.000 homens, 40.000 serão empregados diretamente na melhoria da segurança devido à necessidade mínima de apoio externo e ao fato de que já vivem no ambiente operacional. E há ainda um efeito adicional, pois em uma luta pela população, esses homens serão negados ao inimigo; totalizando o equivalente a algo entre 80.000 e 95.000 homens na melhoria da segurança. (LITCHFIELD, 2010, p. 47)

Em uma comparação entre o emprego de tropas de fora e forças irregulares locais, o benefício é na ordem de 10 para 1. Soma-se a isso a capacidade de um destacamento de forças especiais de treinar e empregar o efetivo de um batalhão. Assim, “a capacidade de economia de força de uma organização que se especializa na habilidade de 12 homens multiplicar-se em 500 é relativamente óbvia.” (FM 3-05.202 e FM 3-03.130 **apud** LITCHFIELD, 2010, p. 28)

O outro fator estratégico é a expansão das escolhas, uma vez que as capacidades não convencionais abrem um novo leque de operações e métodos não ortodoxos, inclusive em relação ao uso de uniformes, veículos, proteção blindada e fontes de apoio logístico. (LITCHFIELD, 2010, p. 57)

Para que o soldado de forças especiais tenha as capacidades descritas é necessário um treinamento e emprego específicos:

Uma combinação de guerra não convencional, inteligência e treinamento linguístico juntamente com habilidades culturais desenvolvidas através de anos gastos trabalhando com povos indígenas em um teatro ou país particular promovem ao soldado de forças especiais uma habilidade sem paralelo para lidar com os desafios de organizar e liderar forças irregulares em um ambiente austero. (LITCHFIELD, 2010, p. 28, tradução nossa)

O desejo de aceitar o isolamento e as dificuldades, além do “conhecimento e experiência juntamente com paciência, maturidade e sintonia cultural criam o soldado inerentemente adequado à guerra não convencional.” Capaz então de alavancar tribos isoladas como os Montagnard para capacidades de inteligência e suporte em um ambiente de contra insurgência ao passo que garante a segurança das tribos. (LITCHFIELD, 2010, p. 29)

Ao se estudar a forma como as forças especiais foram inicialmente empregadas no Vietnã é possível identificar a importância de aspectos político-militares para se obter o sucesso junto a população Montagnard. Portanto, essa tropa é especialmente treinada para operar no espectro não convencional, principalmente em locais remotos para formar forças de segurança irregulares, como no caso do CIDG.

Ao chegar nas aldeias, os chamados Destacamentos A, composto por 12 homens procuravam conversar com os líderes locais. Suas ações tinham com o cuidado de não desprezar a estrutura social dos nativos: “(...) os chefes tradicionais vêm em primeiro lugar. Não se ganha a colaboração ativa de uma população batendo logo de frente com seus costumes ancestrais.” (DENÉCÉ, 2013, p. 329)

Dentre os 12 havia o sargento engenheiro encarregado da destruição de equipamentos inimigos e de construir a infraestrutura para melhorar a vida dos nativos; e o sargento médico do destacamento, capaz de prestar atendimento médico aos nativos. Elementos valiosos em uma campanha cujo objetivo é a conquista do apoio da daquela população. (DENÉCÉ, 2013, p. 329)

Retomando a proposta de Krepinevich, “a melhor estratégia para o sucesso no Vietnã” usaria as Strike Forces (economia de forças) para dar ao governo mais espaço para o programa de pacificação. Ele afirma que: (KREPINEVICH, 1986, p. 70, tradução nossa)

Ao saturar a ‘fronteira demográfica’ (uma banda do território que exclui a região costeira densamente povoada do Vietnã do Sul), as Strike Teams poderiam avisar sobre o avanço de qualquer força inimiga de grandes proporções que estivesse se juntando para atacar áreas populosas sob pacificação. Equipes operando mais infiltradas poderiam chamar por ataques aéreos ou de artilharia em alvos de oportunidade ou conduzir emboscadas ou raids convencionais e operações de buscar

e destruir, permitindo que unidades regulares a oportunidade de participar das atividades de pacificação e servir como uma força de reação formidável caso os insurgentes se agrupassem para um ataque em grande escala. (KREPINEVICH, 1986, p. 70, tradução nossa)

Para saturar essa fronteira demográfica seria necessário o uso de grande quantidade de tropas especiais, particularmente americanas. Outra estratégia traçada em 1968 pelo comandante do 5º Special Force Group, Coronel Kelly, sugere a concentração de tropas de forças especiais nos campos do CIDG ao longo da fronteira. Até 1971 as tropas americanas deveriam ser substituídas por soldados das forças especiais vietnamitas. (PIASECKI, 2009, p. 27)

Evidentemente, a substituição por forças especiais do próprio Vietnã do Sul teria que ser acompanhada com cautela. Mas se houver atenção no tocante as opiniões desses soldados em um processo de seleção para o curso de forças especiais do Vietnã do Sul, juntamente com a formação voltada para a adaptação a uma cultura diferente; essa diferença histórica poderia ser abandonada.

De qualquer forma, foi possível observar boas práticas e oportunidades de melhoria durante os anos em que o Civilian Irregular Defense Group esteve sendo conduzido. Mesmo que alguma das propostas que buscavam um enfoque maior na estratégia de pacificação e, dentro dela, nas operações não convencionais; esteja certa, essa seria apenas parte de uma possível solução.

5 CONCLUSÃO

Conforme observado, o território do Vietnã é mais plano nas regiões costeiras e nos deltas dos rios Mekong e Delta, favoráveis ao cultivo de arroz, onde é povoado pela etnia vietnamita majoritária. Conforme aproxima-se do interior, a altitude aumenta e a selva densa se impõem sobre grande parte dos vales e planaltos, locais em que a presença das etnias que compõem o grupo chamado Montagnard aumenta gradativamente até as regiões mais remotas.

Sob outra ótica, o Vietnã está localizado em uma região de grande importância geopolítica dentro do contexto de Guerra Fria e seu posicionamento ideológico influenciaria a expansão (ou não) do comunismo no Sudeste Asiático. O país já possuía certo grau de nacionalismo fruto das lutas contra potências estrangeiras desde a antiguidade e, particularmente no século XX, procurava se desvencilhar do imperialismo francês.

A combinação dos fatores envolvendo a história do país, seu povo e natureza geográfica com o contexto geopolítico mundial, movido por uma disputa ideológica, culminou nos elementos ideais para o surgimento de uma guerra revolucionária. O ímpeto dessa guerra revolucionária foi inflamado pelas mudanças provocadas pela Segunda Guerra Mundial, particularmente em função da ocupação alemã da França, que resultou na mudança da administração colonial, e da ocupação nipônica do Vietnã.

Essas mudanças não só demonstraram a vulnerabilidade francesa, como também serviram para despertar o sentimento nacionalista vietnamita. Nesse contexto, o Vietminh (liderado por Ho Chi Minh) assumiu o papel de resistência à ocupação japonesa e começou a empregar táticas de guerrilha em uma luta armada contra a ocupação, chegando até a ocupar a capital Hanói e declarar a independência do Vietnã.

Com o final da 2ª Guerra Mundial foi decidido na conferência de Potsdam pelo retorno da situação colonial anterior, conforme o interesse francês e apoiado pelos Estados Unidos. Tropas francesas foram enviadas para Hanoi, dando início a uma série de manifestações que culminariam na primeira fase da Guerra do Vietnã, conhecida como Guerra da Indochina.

No começo da Guerra, as ações do Vietminh envolviam ataques de guerrilha em posições francesas isoladas, principalmente próximas a fronteira com a China, e a comboios de suprimentos. Neste contexto surgiram as primeiras tentativas de aplicar estratégias de contra insurgência para frear o avanço da Guerrilha, tendo sido aplicado o conceito do Gen Navarre de pontos de amarração.

Um desses pontos era a cidade de Dien Bien Phu, uma posição bem fortificada com três posições de artilharia e milhares de soldados, mas que ficava isolada no interior de um vale.

Recebendo apenas suprimento aéreo e sem apoio de fogo, os franceses não tiveram chance contra o efetivo muito maior do Vietminh que se movia livremente com a cobertura vegetal da selva e que detinha posições excelentes para seus morteiros nas colinas que dominam o vale. A batalha resultou na rendição da guarnição francesa e no acordo de paz de Genebra em 1954, que dividiu o país no paralelo 17°.

O acordo de paz também previa a realização de eleições para definir um presidente para o país reunificado, mas acabou não acontecendo pois o presidente Diem alegou que seria impossível conduzir uma eleição honesta no Vietnã do Norte. Desde Postdam Diem já buscava criar as chamadas *agroville*, onde a população teria melhores condições de vida e estariam protegidas. O projeto não teve sucesso principalmente por conta da corrupção, ingerência e por não ter considerado determinados aspectos socioculturais da população.

A recusa de Diem em realizar eleições em 1956, somada ao aumento da pressão sobre cidadãos que tinham (ou tiveram) alguma relação com o Vietminh provocou a escalada na tensão, provocando o regresso de guerrilheiros à luta armada. A situação em 1959, havia evoluído ao ponto de Ho Chi Minh conchamar uma guerra popular no Sul e impor o recrutamento obrigatório e, posteriormente, criar a Frente Nacional de Libertação para orientar politicamente a guerrilha.

A participação dos Estados Unidos começa com o pedido de ajuda do presidente sul vietnamita Diem, que buscava fazer frente à ameaça do Norte, por meio de conselheiros militares que treinariam soldados sul vietnamitas para combater o vietcong. A opção por intervir indiretamente estava relacionada a influência do presidente Kennedy, que considerava que uma estratégia de contra insurgência seria a mais adequada para abordar o problema.

Então ficou decidido investir no programa Strategic Hamlet, semelhante ao das chamadas *Agroville*, para isolar os guerrilheiros de sua fonte de apoio junto à população. Simultaneamente, o exército do Vietnã do Sul foi adestrado para combater o Vietcong, inclusive utilizando helicópteros. Porém a batalha de Ap Bac demonstraria não só as dificuldades de comando e controle do ambiente operacional, mas também a incompetência do exército vietnamita.

Em meio a esses problemas houve o golpe que resultou na morte do presidente Diem e conseqüentemente, no início da desmobilização da guerrilha. A desmobilização foi rapidamente interrompida pois os líderes do Norte perceberam que era necessário passar para a chamada 3ª fase de uma guerrilha, a formação de forças regulares, para não perder o *momentum* atingido. Com isso, a trilha Ho Chi Minh foi reestruturada e passou a conter instalações aprimoradas, antevendo os prováveis bombardeios.

O aumento da agressividade dos guerrilheiros atingiu um estopim, do ponto de vista americano, quando houve ataque de morteiros à base aérea de Bien Hoa. A partir desse momento, foi decidido o envio de tropas americanas para o Vietnã, inicialmente, com a finalidade de defender bases americanas, mas que rapidamente estava realizando patrulhas para destruir o inimigo no interior do país.

Junto das tropas, os Estados Unidos investiam na Operação Thunder Storm para fornecer apoio de fogo a elas, mas também para bombardear posições estratégicas do Vietnã do Norte.

Apesar da coexistência da estratégia de atrito e da estratégia de pacificação (contra insurgência), as ações relacionadas ao atrito se mostraram preponderantes. Esse foco provocou não só efeitos colaterais para a população, como afastou o esforço americano dos objetivos políticos à medida que perseguia objetivos militares. Modelo esse que foi seguido durante, praticamente, todo o período de permanência das tropas americanas.

Viu-se por exemplo, que utilizar fatores como o *kill ratio* como forma de medir o progresso na Guerra contribuiu para o aumento dos bombardeios que provocavam casualidades na população civil. Chegando ao ponto de, durante a administração Nixon, ser autorizado o bombardeio de regiões fronteiriças de países vizinhos.

Ao mesmo tempo, a opinião pública contrária a guerra pressionava o governo a procurar um fim breve para a guerra, principalmente após a ofensiva do Tet. Para atingir esse fim foi estabelecida a política da vietnamização da guerra, ou seja, as tropas americanas seriam gradativamente substituídas por soldados vietnamitas.

Após se arrastar por mais tempo, a guerra finalmente termina em janeiro de 1973 com a assinatura do acordo de paz que tinha como principais pontos o cessar-fogo, a retirada das tropas americanas e o desenvolvimento de políticas para a reunificação do Vietnã. Porém, após a saída dos Estados Unidos, o Vietnã do Sul foi novamente invadido e foi reunificado sob o nome de República Socialista do Vietnã.

O conhecimento da história da guerra soma-se aos conceitos e princípios de contra insurgência para que seja possível avaliar se o foco na estratégia de contra insurgência poderia trazer um resultado diferente para o conflito. Para isso, parte-se de definições sobre guerra assimétrica, guerra irregular, guerra revolucionária, insurgência e guerrilha.

As características observadas giram em volta do fator decisivo para insurgências: a legitimidade perante a população. A partir desse fator, o insurgente buscará minar a legitimidade do Governo estabelecido trazendo-a para si, geralmente com uma narrativa

ideológica, enquanto o contra insurgente utilizará de toda sua estrutura pública para manter a população contente, ao passo que busca neutralizar a insurgência.

Dentre as formas que o insurgente possui para minar a legitimidade de um governo, observou-se que no Vietnã foi empregada a subversão e a violência aberta. Essa estratégia tinha como principais vantagens o terreno, a vegetação do Vietnã e o nacionalista vietnamita.

Ou seja, como o Vietminh não podia enfrentar as tropas estrangeiras em um combate convencional por conta da diferença de poder bélico, industrial e econômico; com uma abordagem prolongada pode desgastá-las em aspectos como a opinião pública e economia. Por outro lado, os Estados Unidos estavam acostumados com a 2ª Guerra Mundial e a Guerra da Coreia e assim não souberam interpretar o Vietnã sob a ótica da guerra revolucionária.

Conforme o conflito se prolongou, a balança de poder pendeu em favor dos insurgentes que passaram a realizar ações mais vultuosas até serem capazes de formar um exército regular. Viu-se que para isso, apesar do viés ideológico comunista de Ho Chi Minh, o nacionalismo foi o elemento ideológico principal utilizado para conquistar o apoio da população e lutar contra o invasor estrangeiro desde a ocupação japonesa.

Para combater a evolução da guerrilha foram feitas diversas tentativas de isolar o inimigo do contato com a população com projetos como o *agroville* e o *Strategic Hamlet*. Porém, nenhum dos dois foi capaz de absorver todas as demandas e complexidades que a população exigia naquele momento, apesar de grandes esforços em construir aldeias e subsidiar com insumos agrícolas, energia elétrica etc.

O fracasso nesses esforços relacionados a uma estratégia de contra insurgência permitiu o crescimento próspero da guerrilha vietcong para forças cada vez maiores, o que naturalmente levou o MACV a buscar formas de combatê-la. O combate de atrito se desenvolveu para utilizar o máximo de apoio de fogo, apoio aéreo, e tecnologia para proteger ao máximo as tropas americanas combatentes.

Nesse ponto surgiu o dilema: as ações de atrito passaram a interferir negativamente nos esforços de contra insurgência que continuavam a ser conduzidos paralelamente. Conseqüentemente, a situação social foi agravada e o ponto decisivo de uma guerra revolucionária, apoio da população, foi perdido à medida que as batalhas eram ganhas. Mas de que forma esse dilema poderia ter sido resolvido?

Há indícios de que o programa Civilian Irregular Defense Group, **enquanto esteve sob a égide da CIA**, não sofria dos mesmos problemas que levaram os outros programas de contra insurgência ao fracasso. Ao mesmo tempo, o emprego de destacamentos A das forças especiais aumentava o leque de opções de emprego do Exército dos Estados Unidos e

proporcionava a economia de força. Enquanto as *agrovilles* e *Strategic Hamlet* apostavam em uma abordagem de grande vultuosidade, o CIDG buscou ser mais sutil. A estrutura social tradicional e a cultura foram respeitadas. A defesa era feita pelos próprios habitantes dos campos, que tinham grande interesse pessoal no resultado do conflito.

Porém, cabe ressaltar um aspecto: o CIDG surgiu para abordar populações indígenas isoladas, e por isso contava com características diferentes dos programas conduzidos nas vilas. Essas características facilitaram o treinamento e emprego dos Montagnard.

Entretanto, apesar do fato de as redes indígenas tradicionais possuírem grande potencial na CI, é necessário um catalizador para desenvolver o potencial existente. Pode ser que os destacamentos A das forças especiais americanas detinham as capacidades necessárias para alcançar o potencial que outras tropas não conseguiram. Como no exemplo da 4ª Divisão de Exército, que realizou abordagens que buscavam atingir objetivos exclusivamente militares.

Entretanto, dentro da esfera de atribuições da 4ª DE, e de outras unidades convencionais responsáveis por esforços de pacificação, há pouco que poderia se fazer para contornar os fatores que limitavam seus resultados. Fatores esses discutidos no nível político-estratégico e que eram impostos, como, por exemplo, as consequências da presunção de que as tropas naturalmente teriam a capacidade de combater insurgências, a deficiência no preparo cultural e o limitado tempo de permanência de um contingente na posição, que dificultava a criação/manutenção de laços de confiança, e a visão estratégica de curto prazo.

Por outro lado, as forças especiais demonstraram que o preparo voltado para aspectos socioculturais das tribos teve um resultado consistente, principalmente nos primeiros anos quando os objetivos de atrito não prejudicavam os esforços de pacificação. No estudo de caso do CIDG, foi possível constatar que foram capazes de atingir objetivos contra insurgentes ao conquistar a confiança e garantir a segurança de aldeias Montagnard.

Com o surgimento das Strike Force foi possível, além de manter o vietcong afastado do contato com a população, pressionar suas rotas de suprimento desde a fronteira por uma vasta área dominada pelos campos do programa. Essa pressão obrigava-os a dispender esforços para proteger suas rotas de suprimento, permitindo uma economia de força para a defesa das cidades no litoral do Vietnã do Sul.

Ou seja, a junção de forças especializadas em guerra irregular com a estrutura social tradicional Montagnard no contexto estudado resultou em uma capacidade dupla: contra insurgência e guerra irregular. Ao mesmo tempo que as tribos estavam isoladas dos guerrilheiros vietcong (contra insurgência), eram capazes elas mesmas de vigiar e realizar ações de guerrilha contra eles (guerra irregular).

É possível que esse modelo tivesse sido capaz de proporcionar uma significativa redução na necessidade de efetivos convencionais no combate a grandes efetivos militares de vietcongs ou do Exército do Vietnã do Norte. Porém, conforme Krepinevich propôs, ainda seria necessário um grande efetivo para garantir a segurança dos centros urbanos e vilas próximas ao litoral e ao delta do rio Mekong.

Essa economia de forças poderia, em última análise, ser um ponto de inflexão para a opinião pública em solo americano, fator que foi decisivo para a retirada das tropas americanas.

Conclui-se que existiram diversas tentativas e projetos de aplicar a estratégia de contra insurgência desde a Guerra da Indochina com a França, mas a Guerra escalou para um conflito cada vez mais convencional por causa do fracasso desses programas. Clausewitz entende que a guerra é a continuação da política, e como a abordagem mais política da contra insurgência falhou, foi natural partir para estratégia de atrito em busca de soluções militares. (1984, p. 75)

Entretanto, o Civilian Irregular Defense Group apresentou resultados diferentes, particularmente durante sua primeira fase sob o comando da CIA e conduzido pelas forças especiais do Exército dos EUA. Esses resultados abrem margem para uma discussão sobre, até que ponto seu potencial poderia ter sido mais bem explorado, mas há fortes indícios de que o foco na estratégia de contra insurgência, com destaque para uma abordagem irregular na região povoada pelas tribos Montagnard, teria sido mais eficiente para a vitória dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã. Mesmo assim, não se poderia excluir a necessidade de ações diretas para combater grandes efetivos de vietcongs ou do exército regular.

Toda essa experiência proveniente da Guerra do Vietnã é relevante para o desenvolvimento das doutrinas brasileiras, particularmente para a defesa da Amazônia, tendo em vista as semelhanças relacionadas a sociedades tradicionais culturais e etnicamente diferentes em regiões remotas com pouca presença do Estado.

Por isso é feita a sugestão de que novas pesquisas busquem verificar se as populações indígenas possuem esse potencial intrínseco para a insurgência, se potências estrangeiras podem constituir uma ameaça nesse sentido e de que forma o Exército Brasileiro poderia fazer frente a essas ameaças.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. **Manual de iniciação à pesquisa científica**. 2. ed. Resende: Editora Acadêmica, 2019.

CAMPBELL, Paul F. **Notas pessoais do Col Gilbert Layton**, diretor do escritório de estudos combinados (MAAG). E-mail para Eugene G Piasecki. Fort Brag, 2009.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1996.

CLARKE, Jeffrey J. **Advice and Support: The Final Years, 1965 1973**. Washington: Center of Military History, 1988.

CLAUSEWITZ, Carl Von. Traduzido por Michael Howard e Peter Paret. **Da Guerra**. Princeton: Princeton University Press, 1984.

DENÉCÉ, Éric. **A história secreta das forças especiais: de 1939 a nossos dias**. Tradução de Carolina Massuia de Paula. São Paulo: Lafonte, 2013.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Department of the Army. U.S Army. **FM 3-24 MCWP 3-33.5** Insurgencies and countering insurgencies. Washington: Headquarters Department of the Army, 2014. Disponível em: <http://www.us.army.mil>. Acesso em: 4 abr. 2023.

KIRKLAND, Faris R. **Cultural Dynamics of Civic Action in the Central Highlands of Vietnam, 1967-1968**. *Armed Forces & Society*, v. 26, n. 4, p. 547-560, 2000. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/45347148>. Acesso em: 23 maio 2023.

GALULA, David. **Counterinsurgency warfare: theory and practice**. Nova Iorque: Frederick A. Praeger, Inc, 1964.

KARNOW, Stanley. **Vietnam: A history**. – 2. Ed. - Nova Iorque: Penguin Books Inc, 1997.

KELLY, Francis J. **US. Army Special Forces 1961-1971**. Washington: Department of the army, 1989.

KREPENIVICH, Andrew F. **The Army and Vietnam**. Baltimore e Londres: The Johns Hopkins University Press, 1986.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos da metodologia científica: teoria da ciência e prática de pesquisa**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

LACERDA, Paulo Henrique Barbosa; SAVIAN, Elonir José. **Introdução ao Estudo de História Militar Geral**. Resende: AMAN, 2015.

LITCHFIELD, John D. **Unconventional Counterinsurgency: Leveraging Traditional Social Networks and Irregular Forces in Remote and Ungoverned Areas**. Fort Leavenworth: School

of Advanced Military Studies, United States Army Command and General Staff College, AY 2010.

MAGNOLI, Demétrio. **História das Guerras**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MAO TSE TUNG. Traduzido por Samuel Griffiht. **On Guerrilla Warfare**. Londres: Cassel, 1965. P. 8

MORAIS, Taís; SILVA, Eumano. **Operação Araguaia: os arquivos secretos da guerrilha**. 2. ed. Geração editorial, 2005.

NAGL, John A. **Counterinsurgency lessons from Malaya and Vietnam: learning to eat soup with a knife**. 1. ed. Westport: Praeger Publisher, 2002.

OLIVEIRA, Pedro de. **HO CHI MINH: Vida e obra do líder da libertação nacional do Vietnã**. São Paulo. Anita Garibaldi: 2020.

PIASECKI, Eugene G. **Civilian Irregular Defense Group: The First Years: 1961-1967**. ARSOF History. Disponível em: https://arsof-history.org/articles/v5n4_cidg_page_1.html. Acesso em: 23 maio 2023.

RÉMOND, R. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SAUVY, Alfred. *TROIS MONDES, UNE PLANÈTE. Vingtième Siècle*. Revue d'histoire, 12, 81–83. Disponível em: <http://1/www.homme-moderne.org/societe/demo/sauvy/3mondes.html>. Acesso em: 28 jul. 2022.

VROOMAN, Stephen. **A Counterinsurgency Campaign Plan Concept: The Galula Compass**. Fort Leavenworth: School of Advanced Military Studies United States Army Command and General Staff college, 2005.